

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS SAUDE E TECNOLOGIA - CCSST
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS - SOCIOLOGIA

MARCOS MOREIRA LIRA

OS DONOS DO PEDAÇO:
Os skatistas da Praça Mané Garrincha em Imperatriz/MA.

Imperatriz - MA

2018

MARCOS MOREIRA LIRA

OS DONOS DO PEDAÇO:
Os skatistas da Praça Mané Garrincha em Imperatriz/MA.

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas com Habilitação em Sociologia do Campus Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à conclusão do curso.

Imperatriz - MA

2018

Moreira Lira, Marcos.

OS DONOS DO PEDAÇO: Os Skatistas da Praça Mané Garricha em Imperatriz/MA / Marcos Moreira Lira. - 2018.
66 f.

Orientadora: Vanda Maria Leite Pantoja.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Universidade
Federal do Maranhão, 2018.

1. Conflitos. 2. Pedaco. 3. Skatistas. 4.
Território. I. Maria Leite Pantoja, Vanda. II. Título.

Marcos Moreira Lira

OS DONOS DO PEDAÇO:
Os skatistas da Praça Mané Garrincha em Imperatriz/MA.

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas com Habilitação em Sociologia do Campus Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à conclusão do curso.

Monografia apresentada em 17 de dezembro de 2018.

Banca Examinadora:

Prof.^a. Dr.^a Vanda Maria Leite Pantoja (1º examinador/orientadora - UFMA/CCSST/LCH)

Prof.^a. Dr.^a Betânia de Oliveira Barroso (2º examinador - UFMA/CCSST/LCH)

Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras (3º examinador - UFMA/CCSST/LCH)

Imperatriz - MA

2018

"Quem gostou, bate palma.

Quem não gostou? Paciência!"

(Tati Quebra Barraco, 2017).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos skatistas de Imperatriz..., que muitos colaboraram para sua realização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e minha família, meu Pai José Lira e minha mãe Selma Moreira, nos quais são a mim os maiores símbolos de resistência, por me apoiarem a permanecer no curso e conquistar novos espaços, a minha prima Eliene Canuto e irmã Mislene Lira que aturavam a leitura de minhas produções (risos).

Sinto-me agradecido pelo professor Manoel Pinto e suas grandes contribuições para meu processo didático e pedagógico, também a professora Claudia Silva e suas contribuições no qual fez rever meu papel docente e reflexivo, incentivando-me compreender a importância de buscar a alteridade. A professora Taynná Sbranna, na qual me ensinou como um professor mesmo sem alguns instrumentos pode ser didático e como a união e militância são necessárias para o indivíduo, agradeço também ao Edson Lima pelo apoio inicial no curso e compreensão sobre a constituição humana dos alunos, José Cláudio por mostrar que eu tinha uma afinidade com a Geografia e Rogério Veras por mostrar que a interdisciplinaridade é algo possível e me despertar um interesse em ter um pensamento mais epistêmico sobre o mundo. Agradeço também aos professores Salvador Tavares, Alexandre Peixoto e Agnaldo Silva.

Agradeço muitíssimo a professora Vanda Pantoja que esteve ao meu lado quando mais precisei, onde teve totalmente paciência e responsabilidade ao me orientar, com ela tive a oportunidade de compartilhar e aprender como pesquisar, e ter responsabilidade e cuidado com o que eu escrevia, incentivando a minha produção e participação em eventos, onde percebi que além de professora é uma mulher que está inserida num processo de luta e resistência.

Não poderia esquecer-se de citar meus amigos que tive oportunidade de conhecer na UFMA, Suzana Rossi minha irmã de coração que desde o início esteve ao meu lado e me apoiando, na qual passamos diversos momentos bons e ruins, José Carlos, Tamiris Sabino e Evandro Fernandes que me inseriram na militância e contribuíram significativamente para minha formação política, Izadora Torres onde me ensinou a lidar com a Universidade de uma maneira calma. Sou eternamente grato por ter conhecido e feito amizade com Larissa Lima, Isaías Júnior, Adeluane Almeida, Fernando Brasil, Natty Salles, Juliana Ferreira, Moab Paiva, Marcos Madjer, Ana Paula, Antônia Sousa e Fausto Silva.

Venho citar também duas grandes amigas que conheci na Educação Básica e que até hoje sempre estão comigo e me apoiando, sendo elas Antonia Rodrigues e Aline Alves, na qual sempre estiveram ao meu lado e me incentivando a terminar essa graduação.

Sou eternamente grato por ter amigos como Thayson Lima, Josefa Pimentel, Gabriel Araújo, Ediana Costa e Francisco Pimentel, onde juntos criamos o VER-SUS Montes Altos e os mesmos confiaram à coordenação do projeto a mim, onde me acompanharam em momentos bons e difíceis e sempre me ajudaram a manter uma calma, na qual militamos juntos e tivemos como ajudar alguns grupos sociais, no qual obtemos conquistas sociais, além da troca de vivência e de conhecimento.

Amo muito, três grandes pessoas que entraram na minha vida e a ressignificaram, desde minha formação política a minha constituição enquanto pessoa e educador. A primeira é a professora e minha amiga Betânia Barroso que sempre me apoiou desde que entrei no curso, depositando confiança e incentivo para que eu permanecesse no curso, onde me motivou a ser um bom educador e compreender as trajetórias dos alunos, me inspirando enquanto comportamento e didática em sala de aula, ela mostrou qual caminho enquanto pessoa e docente eu me identificava, sendo este a educação do campo e movimentos sociais, além de todo apoio psicológico que recebi da mesma em momentos ruins que me desmotivavam e quase me tiraram do curso.

A segunda pessoa é Jullyana Christina, uma grande amiga que esteve ao meu lado nos momentos em que precisei e me incentivou a seguir o que eu gostava de estudar e pesquisar, além de termos participado de vários eventos acadêmicos juntos e termos produzidos artigos da qual hoje me orgulha muito, sem palavras para definir toda carga de aprendizagem que aprendi e compartilhei com ela. A terceira pessoa é a Mônica Juliana na qual nos conhecemos há pouco tempo, mas mantemos uma conexão surreal, na qual a mesma contribui significativamente em minha vida e constituição de conhecimento, além de sua alta sensibilidade enquanto ser humana e o apoio e compreensão sobre mim.

Agradeço a todos skatistas da Praça Mané Garrincha e de Imperatriz, que sempre me receberam bem e ajudaram nesse processo da realização da pesquisa, sempre dispostos a colaborarem e me ajudarem aprender a prática do skate.

Não posso deixar de agradecer ao governo Lula da Silva e "Petista", no qual nosso curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia foi criada na duração desse governo através do REUNI, no qual desde que entrei na Universidade me mantive através de auxílio de bolsa estudantis que foram aperfeiçoados em seu governo, na qual sem elas não sei se conseguiria me tornar um graduando.

Sem a música também não conseguiria ter criado essa monografia, agradeço a Lana Del Rey, Ariana Grande, Nicki Minaj, Galantis e LP, sem as músicas geniais dess@s artistas não teria ficado calmo para escrever e refletir, onde sempre estudava/estudo escutando as músicas desses artistas.

LISTA DE IMAGENS

Imagem I – Praça Mané Garrincha.....	39
Imagem II – Jornal Capital.....	46
Imagem III – Redores da Praça Mané Garrincha.....	49
Imagem IV – Grafite Relacionada Ao Hip Hop.....	50
Imagem V – Grafite Relacionada Ao Punk.....	51
Imagem VI – Rampas de Skate Maiores.....	54
Imagem VII – Rampas de Skate Menores.....	54

RESUMO

A seguinte monografia traz como proposta compreender: o início do skate na Praça Mané Garrincha e os conflitos existentes no local a partir das categorias Território, Peçaço e Espaço. Nessa pesquisa foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: uma revisão bibliográfica dos Livros: “O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade” de Haesbaert (2004) e acrescido do Artigo: “Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana” de Magnani (1996); um levantamento para obtenção de dados qualitativos e quantitativos acerca dos skatistas para identificar faixas etárias, localização, moradia, comportamentos, perfis e a quantidade parcial de praticantes de skate na Praça Mané Garrincha; um estudo acerca da praça, procurando um aprofundamento da realidade dos skatistas inseridos dentro desta, basicamente realizando uma observação direta das atividades dos skatistas e estudando as entrevistas semi-estruturadas e estruturadas dos informantes, relacionadas à vida dos skatistas e seus ambientes nesse processo de interação dos mesmos com outros grupos (bicicross, patinadores, grafiteiros, metaleiros e etc.), buscando captar as explicações e interpretações do que ocorre nesta realidade. Os conflitos ocorrem internamente e externamente a Praça, também dentro da própria tribo skatista e dela com outras tribos, todavia, há também certa sociabilidade entre as tribos. Os conflitos são controlados por regras impostas pelos skatistas onde estes dizem em que momento e quais pedaços da rampa os patinadores e bicicross podem utilizar, quais momentos um jovem iniciante da prática do skate pode estar nas pistas maiores ou menores, para que os mesmos não entrem em conflito com os mais experientes na prática. A sociabilidade ocorre pelo fato de tais práticas serem também um momento de lazer e os mesmos usarem os mesmos espaços para praticarem esportes, desde momentos relacionados a lazeres, eventos coletivos e festas realizados por estes. O território dos skatistas se constrói a partir de um contexto histórico e de utilização desse espaço da Praça, onde o Peçaço é delimitado e dado como domínio do skatistas por marcas exclusivas nas rampas das pistas que são características advindas dos mesmos.

Palavras Chaves: Território, Conflitos, Skatistas, Peçaço.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa
LAEPCI	Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Imagens
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SEMIC	Seminário de Iniciação Científica
UFMA	Universidade Federal Do Maranhão
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

SUMÁRIO

TRAJETÓRIAS DO PESQUISADOR E IMERSÃO A CAMPO.....	14
Minha Trajetória Enquanto Pesquisador.....	14
Justificativa da Pesquisa.....	16
Processo de Imersão a Campo.....	17
1. INTRODUÇÃO.....	21
2. REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO.....	25
2.1 - Territórios, Espaços e Pedacos	25
3. ALGUMAS PESQUISAS SOBRE O SKATE NO BRASIL.....	30
3.1 - Surgimento do Skate no Brasil nas Décadas de 1980 e 1990.....	34
4. PRAÇA MANÉ GARRINCHA E OS FREQUENTADORES.....	39
4.1 - Indivíduos Que Ocupam a Praça.....	40
5. OS SKATISTAS: TERRITÓRIOS E CONFLITOS.....	43
5.1 - Territórios na Praça Mané Garrincha.....	43
5.2 - O Princípio do Conflito: Skate Em Imperatriz.....	44
5.3 - Territorialidades e Espaços em Conflitos na Praça Mané Garrincha.....	49
5.4 - Desenvolvimento do skate em Imperatriz.....	57
5.5 - Lazer e Sociabilidade.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	65

TRAJETÓRIAS DO PESQUISADOR E IMERSÃO A CAMPO

Minha Trajetória Enquanto Pesquisador

A trajetória aqui narrada é a partir da minha entrada na Universidade Federal do Maranhão no segundo semestre de 2014, quando entrei no curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia, com base no Projeto Político-Pedagógico do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia (2013), no campus de Imperatriz, foi criado pela Resolução Nº 131-CONSUN de 24 de maio de 2010 e Resolução Nº 169-CONSUN de 24 de abril de 2013. O Campus foi instituído pela Resolução Nº 8/1981-CONSUN, na primeira fase de interiorização da Universidade Federal do Maranhão que também criou os campi de Codó, Bacabal, Chapadinha, Balsas, São Bernardo, Grajaú e Pinheiro.

O Campus tornou-se Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia por intermédio da Resolução Nº 83/2005-CONSUN. O acordo de adesão da Universidade ao REUNI, na gestão do Reitor, Prof. Dr. Natalino Salgado Filho, implicou na criação do curso e do campus, cuja ideia básica era expandir o raio de atuação e inserção da Universidade no âmbito do Estado do Maranhão, constituindo projetos inovadores de formação de professores com o objetivo de contribuir para a elevação da qualidade do ensino da educação básica. (Projeto Político-Pedagógico do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia campus de Imperatriz, 2013 pag. 06).

Ao adentrar no curso até então eu não tinha um caminho definido e nem sequer sabia quais oportunidades poderiam ser construídas no futuro decorrer do curso, alguns professores relataram quais perspectivas poderíamos buscar, entre estas, estavam à docência e a pesquisa. A partir disso, comecei um interesse por ambas, porém a oportunidade de pesquisa já era bem limitada, até que no segundo semestre de 2015 tive a oportunidade de ser convocado pelo Professor Dr. Jesus Marmanillo para realizar um projeto de Pesquisa intitulado “*ALÉM DA UNIDADE INDUSTRIAL: Condutas Urbanas Após a Implementação da Suzano Papel e Celulose em Imperatriz-Ma*”¹, o mesmo partia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFMA) e financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

¹ Projeto orientado pelo Professor Dr. Jesus Marmanillo, iniciado em setembro de 2015 e finalizado em setembro de 2016. O mesmo trabalho foi apresentado no SEMIC-UFMA em 2016.

A partir disso comecei a fazer parte do Grupo de Pesquisa LAEPCI ² (Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidade e Imagens) em 2015, onde tinha muita influência de autores como Erving Goffman, Robert Park, Gilberto Velho, Etienne Samain, Foote Whyte, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, entre outros autores da Antropologia Visual e da Sociologia. Nisso, minha linha de pesquisa foi pautando-se em autores dessas áreas (Sociologia e Antropologia), tanto que o projeto na qual desenvolvi foi a partir desses autores e suas referências teóricas metodológicas.

Terminando esse primeiro projeto em setembro de 2016, voluntariamente iniciei outro projeto coordenado pelo professor Dr. Jesus Marmanillo, sendo este, “*SOCIEDADE DA PRAÇA: A organização e as interações nas pistas de skate da Praça Mané Garrincha em Imperatriz – MA*” ³, o projeto que já estava em realização desde 2015, todavia, não estava em um processo de desenvolvimento maior, o mesmo era realizado por um aluno de Jornalismo e em setembro de 2016 o mesmo resolveu deixar o projeto de lado, logo, Jesus Marmanillo perguntou se eu não queria assumir, como me interessei pelo tema e pelo campo de pesquisa, aceitei.

Iniciei o projeto no mesmo momento em que eu estava cursando a disciplina Seminário Final de Curso I (TCC-I), sendo assim, resolvi juntar a perspectiva da minha futura monografia com o projeto que já estava em desenvolvimento, então logo, resolvi que o projeto seria o tema da minha pesquisa monográfica, por questões de acessibilidade e evitar uma desorganização própria minha pesquisando outro campo/tema, resolvi juntar o útil ao agradável, onde o orientador de pesquisa monográfica seria o mesmo do projeto que eu estava desenvolvendo.

Em março de 2017 tive que me desvincular do grupo de pesquisa LAEPCI, com tudo isso foi à busca de um orientador (a) para meu projeto de pesquisa monográfico que ainda permanência na perspectiva do Skate na Praça Mané Garrincha, ou seja, apesar de ter saído do projeto de pesquisa PIBIC-UFMA e me desvinculado do Grupo

² Grupo de pesquisa coordenado pelo Professor Dr. Jesus Marmanillo, o mesmo fica localizado na UFMA Campus Imperatriz, na qual maioria dos integrantes é do curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia, o grupo de pesquisa surgiu em 2015.

³ Projeto aprovado pelo PIBIC-UFMA, tendo como prazo para ser realizado de setembro de 2016 a setembro de 2017, o mesmo também viria a ser apresentado no SEMIC-UFMA.

de pesquisa, ainda havia muita influência da perspectiva de estudo do grupo em minhas pesquisas, tanto que o tema da monografia partiu desse projeto inicial.

Após um tempo procurei a Professora Dr^a. Vanda Pantoja para me orientar no projeto de pesquisa monográfico e a mesma aceitou. Nesse tempo em que fui seu orientando conheci outras perspectivas de pesquisas e autores que me motivaram a continuar com a pesquisa, onde percebi que minhas novas perspectivas seriam alcançadas através desses autores e que os que eu usava antigamente não se encaixariam.

Logo, conheci alguns autores da Geografia e outros até então não conhecidos da Antropologia, sendo estes Rogério Haesbaert e José Guilherme Cantor Magnani, que trouxeram totalmente uma nova roupagem a minha pesquisa e outros objetivos. De início foi difícil essa transição, até porque já havia dois anos que eu estava na linha de pesquisa do Grupo LAEPCI e agora encontro essa nova vertente na pesquisa que é a antropogeográfica⁴. Todavia, me senti à vontade para desenvolver e realizar os objetivos que eu tinha na pesquisa inicial e suprir os que surgiram no decorrer da mesma.

Justificativa da Pesquisa

Na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Imperatriz, o curso de Sociologia é recente, pois o mesmo surgiu no segundo semestre de 2010 e vem sendo realizado poucas pesquisas nas áreas antropogeográficas, dentro do curso é algo recente e pouco abordado a temática urbana, território, territorialidades dos espaços dentro da cidade, ruas e praças. Em relação à Praça Mané Garrincha até o presente momento não passou por pesquisa acadêmica, no que se refere à antropogeografia, tal praça é um espaço social que possui uma comunidade complexa que necessita que seja estudada e descrita.

Tenho uma afetividade com o campo pesquisado e criei bastantes vínculos com os skatistas, ou seja, é uma pesquisa que gosto de realizar e mantenho um processo de aprendizagem e reflexão continua com os referenciais teóricos e metodológicos, onde

⁴ Área relacionada a uma junção da geografia e antropologia.

ocorre um processo de interação e identificação entre pesquisador e sujeitos pesquisados.

Em primeiro contato com o campo no início do projeto PIBIC-UFMA que relatei na minha trajetória de pesquisador, criei um vínculo com os skatistas e eles sabiam quais eram meus objetivos. Após um tempo imerso naquele território, os mesmos ficavam alegres porque segundo estes queriam poder restaurar e descrever essa história do surgimento do skate em Imperatriz e depositaram essa confiança a mim, além de que os mesmos acreditam que mostrar um pouco de suas realidades, possa vir a ser uma tentativa de quebrar as prenoções que a sociedade tem sobre a prática de skate na cidade, que segundo muitos deles ainda são bem marginalizada por quem realmente não a/os conhecem.

Então percebi nesse momento que é necessário essa pesquisa, tanto pelo fato de poder ter uma chance de mostrar como é um pouco da realidade do skate em Imperatriz e como foi o percurso que eles percorreram para conseguir lugares específicos para praticarem skate na cidade.

Processo de Imersão a Campo

Em minhas primeiras inserções o máximo que eu conseguia era observar, os skatistas tinham uma nítida resistência em ter contato comigo e muitas das minhas tentativas foram falhas, inicialmente era uma realidade nova para mim. Não conhecia nada sobre os skatistas, sobre a prática do skate, sobre seus modos particulares e singulares de ser e fazer confesso que eu estava vulnerável a processos de pensamentos etnocêntricos.

Foi quando em minha sétima visita em dezembro de 2016 tive o primeiro contato direto com Waléria⁵, uma jovem que pratica skate há dois anos e oito meses, universitária e que às vezes frequenta a praça. A mesma sentou-se perto de mim e iniciou uma conversa dizendo que me conhecia de algum lugar e falei que não lembrava, até que ela citou UFMA (Universidade Federal do Maranhão) e lembrei.

⁵ Waléria têm 30 anos de idade e é praticante de skate a mais de dois anos, mesmo assim, já frequentava a praça em seu surgimento, iniciou a prática nos patins e com o tempo foi para o skate, todavia, deu uma pausa aos 16 anos e retornou aos 28 anos.

Buscando, eu, uma forma de poder ter contato com outros skatistas, perguntei a Waléria como foi seu contato inicial com os mesmos e em uma conversa indireta ela relata,

Eu antes que me inseri aqui não conhecia ninguém, e vinha só observar e ninguém falava comigo, senti vontade de aprender andar de skate, e resolvi comprar um skate, quando comecei a chegar com um skate alguns me viram, e até me ensinaram a andar, hoje estou há oito meses aqui ainda aprendendo, já conheço alguns e tenho amigos, mais percebi que só me enxergaram e começaram a me aceitar quando me viram com um skate (Entrevista em dezembro de 2016).

Então, fui sincero com ela e relatei que tinha um objetivo por trás das minhas observações costumeiras naquele local e a mesma compreendeu os motivos. Logo perguntei: como faço para ter contato com os skatistas e conseguir confiança dos mesmos? Ela me relatou que eu teria que ser igual a eles, ou ter um ponto em comum com estes, porque geralmente eles não dão importância às pessoas que não eram de seus grupos ou como eles.

A mesma se disponibilizou a me ajudar ter contato com os skatistas, sendo ela a minha ponte, no início não deu muito certo e então resolvi criar outros métodos, sendo assim, comprei um skate e comecei a remar pela praça nas rampas, tal ação que tentei praticar talvez me definisse ao grupo de skatistas um cara que realmente queria passar para estes, ou seja, me passar como um skatista, mesmo que às vezes eu quisesse usar desses meios de maneira completamente calculada para entrar no grupo ou criar vínculos de confiança com eles. Sendo assim, me expressando como os skatistas, somente para dar a eles o tipo de impressão que provavelmente os levasse a me dar respostas específicas para criar a pesquisa, pois só conseguiria conhecer melhor o mundo deles me inserido no grupo e nas tramas sociais que eles vivem.

Acompanhado de Waléria certo dia, tentei praticar skate pela primeira vez. Logo, alguns skatistas vieram me cumprimentar e deram até dicas e métodos que me levasse a aprender “andar”, quando viram que eu não sabia “andar” e demonstrava persistência em aprender, e, conseguia me equilibrar e movimentar-me, alguns até me aplaudiram. Os Skatistas, por sua vez, ficavam convenientemente impressionados pelos meus esforços em comunicar-me, mesmo estes não sabendo o real sentido que eu almejava com esta ação. Também podiam não compreender a situação e chegar a conclusões que não se justificam nem pelo meu propósito nem pelos meus fatos, como

foi no caso enquanto eu ocupava a pista alguns falarem palavrões, me mandaram sair do meio por que estava ocupando o espaço e impedindo de alguns realizarem suas manobras desejadas, e como eu estava lentamente me movimentando não conseguia acompanhar o mesmo ritmo que os praticantes mais experientes.

Geralmente os skatistas tratam todos os outros skatista da mesma forma, o fato da tentativa de mostrar-me como um praticante de skate, explicitamente projetava uma definição, sendo essa, a de que eu era pertencente ao grupo dos skatistas, automaticamente isso exerceu uma exigência moral sobre os outros skatistas, obrigando-os a valorizar-me e tratarem-me de acordo com o que as pessoas que já praticavam skate têm o direito de esperar.

No local um fato geral é que existem mais homens do que mulheres, levando num contexto abrangente entre crianças, jovens e adultos, os jovens são a maioria dos ocupantes da praça. Pela tarde é notória a presença de mais crianças e adolescentes, pela noite a maioria são jovens e adultos.

[...]. Em todos os seus termos, Lowie enfatiza a relação entre indivíduos ou grupos com outros indivíduos e grupos, e o modo como a jocosidade medeia esta interação, negociando com humor situações sociais de conflito. Os laços de parentesco aparecem como parte do quadro estruturante geral daquelas sociedades, mas não como o “motivo” daquela modalidade de relação (GASTALDO, 2010 p. 312).

A atitude destes, frente ao grupo é de cordialidade no que cerne ensinar o outro uma manobra que este não consegue fazer e aplaudir. Esse caso conclua uma manobra, muitos destes se juntam em grupos e ficam revezando no mesmo espaço onde resolvem realizar a mesma manobra, nesses momentos seus padrões de linguagem mudam conforme a interação, um exemplo é quando se refere a cumprimentar um ao outro, usam o seguinte termo “iai mano”, “iai moço”, “iai brother”, “iai maninho” (geralmente com crianças), “iai viado”, “Aeee Moleque” e etc. Às vezes ocorre conflitos no território quando um ou o outro se esbarram, e um fala um palavrão com o outro, a linguagem muda um pouco com o conflito, quando um ofende o espaço do outro geralmente usam termos como “Porra, pau no cú”, “Cuidado Viado”, “Presta atenção Carai”, “Moço mais tu é vaçilão”, “Presta tenção pow” e etc.

Suas atitudes não se alteravam quando eu estava no local sentado observando, estavam muito focados no skate e nas manobras que não enxergam sujeitos fora da pista, fazendo com que muitas vezes não percebam ou ignorem a minha presença.

Quando se refere às expressões faciais, gestos corporais, estes vão variar conforme as ações dos skatistas, quando estes praticavam skate ao impulsioná-lo para correr demonstrava em seus rostos a força exercida para chegar a uma ação colocando o pé no chão com força. Quando os skatistas vão cumprimentar alguém ligam sua mão a do outro entrelaçando seus dedos e em outras situações batem com a mão aberta e realizam um toque com punhos fechados, e quando alguém acaba atrapalhando a manobra do outro, esse outro franze a testa com raiva e range com os dentes. Outra ação que ocorre geralmente é quando um parceiro conclui com êxito a manobra e estes batem palmas sorrindo.

Para causar esse tal de convencimento, o skatista utiliza-se de diferentes mecanismos e instrumentos, como a linguagem do grupo que ele participa e o corpo, os gestos de articulação, a postura, vestimentas, aparência e também a utilização do entorno, composto por elementos físicos mais estáveis que seria as suas formas expressivas como skatistas.

Quando eu chegava à presença dos skatistas ou outras pessoas que são desconhecidas a eles, sendo eu por enquanto um observador dos skatistas, geralmente procuravam obter informação ao meu respeito ou de outros que se aproximem de seu grupo, seja convivendo ou por conversa informal, ou trazem à baila o que já possuem, ou seja, aquelas prenoções reproduzidas pela sociedade de discurso generalizado, ou relatos de pessoas que já me conhecem ou que conhecem esses novos indivíduos que tentam entrar em seu grupo.

Sendo assim, se eu ou outro indivíduo víssemos o grupo que pratica skate como desconhecido, esses grupos podem tirar conclusões sobre nós a partir de nossas condutas e aparências, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com outros indivíduos aproximadamente parecidos comigo e com outros que estiveram diante deles ou, o que é mais importante, aplicarem a mim estereótipos.

1. INTRODUÇÃO

A Praça Mané Garrincha se localiza na cidade Imperatriz do Estado do Maranhão, sendo a segunda cidade com maior população do Estado possuindo quase 260 mil habitantes⁶. Imperatriz é uma cidade que possui poucos locais de lazer e de esporte públicos, sendo maioria das praças uns espaços fisicamente deteriorados e quase sem frequentadores, no que cerne a locais de prática de skate somente a dois espaços, a Praça Mané Garrincha e Ginásio Poliesportivo Barjonas Lobão (Fiqueninho)⁷, sendo o último bem limitado em relação prática de esporte radical e não atende a todos os esportes sobre rodas.

Nessa pesquisa foram realizadas discussões bibliográficas a partir de alguns autores da Geografia e da Antropologia, sendo estes Rogério Haesbaert e José Guilherme Cantor Magnani e em consonância com inserções cotidianas nesta, no sentido de buscar compreender as relações sociais na Praça Mané Garrincha e descrever como se iniciou o skate no Brasil, e como o conflito está relacionado ao processo de territorialização pelos skatistas na Praça (Mané Garrincha).

Sendo o título desta pesquisa “OS DONOS DO PEDAÇO: os skatistas da Praça Mané Garrincha em Imperatriz/MA. ” Onde visa analisar o contexto histórico do surgimento da prática do skate na cidade e na Praça Mané Garrincha, e relacionar o mesmo com os conflitos dos skatistas que já existiu e ainda permanecem existentes, desde suas originais configurações a novas que foram surgindo com o tempo, retratando como são mediados esses conflitos hoje em dia.

Os sujeitos de pesquisa são os Skatistas que praticam skate na Praça Mané Garrincha, não tendo um critério rigoroso de seleção dos informantes, contudo, aproximei-me dos que realmente estão inseridos na praça, sobretudo os skatistas ou pessoas e grupos que mantêm um vínculo ou relação com o espaço da praça, além de realizar contato com outros indivíduos que utilizam o local, sejam eles patinadores, observadores, do bicicross e grafiteiros.

⁶ Segundo dados do site IBGE (2018). Site: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz>. Acessado dia 18 de outubro de 2018.

⁷ Localizado próximo à Praça Mané Garrincha, numa distância de 450 m, segundo o Google Maps (2018).

Nas inserções realizadas, umas das técnicas usadas foi o caderno de campo, algo que é de extrema importância para todo o (a) antropólogo (a), a técnica da escrita do diário de campo conforme a afirmação de Rocha e Eckert (2008), em visão da mesma:

O caderno de notas e o diário de campo são instrumento de transposição de relatos orais e falas obtidas desde a inserção direta do (a) pesquisador (a) no interior da vida social por ele ou por ela observada. [...] (ROCHA e ECKERT, 2008 p. 15).

Com base em Rocha e Eckert (2008), O método etnográfico se define pelas técnicas de entrevista e de observação participante.... Não apenas contendo-se a observação participante e ao caderno de campo, utilizei de métodos como entrevistas não diretivas com alguns skatistas e diretivas com doze skatistas, para coleta de dados quantitativos e qualitativos, aplicando aos skatistas questionários, entrevistas gravadas, escritas e conversas informais. Logo:

Assim o ofício de etnógrafo pela observação participante, pela entrevista não diretiva, pelo diário de campo, pela técnica da descrição etnográfica, entre outros, coloca o (a) cientista social, o (a) antropólogo (a), mediante o compromisso de ampliar as possibilidades de reconhecimento das diversas formas de participação e construção da vida social (ROCHA e ECKERT, 2008 p. 22).

Por que a partir destas técnicas poderia facilitar minha compreensão e socialização com estes, fazendo com que se estabelecessem novas reflexões.

Por fim seguido de uma pesquisa com base em Thiollent (1986) in Heerdt (2016) onde estive convivendo com os skatistas na praça e mantendo relações de contato com os mesmos virtualmente por redes sociais ou até mesmo no momento em que estavam praticando skate na praça, também busquei aprender como praticar skate para que eu pudesse participar mais ativamente dentro do território dos skatistas que era as rampas de skate.

A pesquisa é de método indutivo com base em Heerdt (2016) onde o estudo ou abordagem dos fenômenos em relação aos indivíduos skatistas caminha para planos cada vez mais abrangentes, indo desde as constatações mais particulares às teorias mais gerais, partindo de procedimento histórico e monográfico, através de instrumentos etnográficos, estudando e fazendo descrição dos praticantes de skate, sua língua, relações, interações, conflitos e sociabilidades.

Apresenta-se em forma descritiva e reflexiva o processo histórico e caminho social percorrido para a criação e padronização de regras dentro do território do grupo de skatistas.

A pesquisa fomenta o desenvolvimento do aluno como investigador social, passando a observar o campo e objeto de pesquisa fazendo com que consiga associar a teoria com a prática, levando-o a alteridade sendo assim, conhecer a realidade de uma sociedade de forma analítica, observando-o fatos cotidianos, num exercício de sair do campo do “eu” e adentrar-se no campo do “outro”.

Seguindo-se os seguintes procedimentos técnicos a partir de uma revisão bibliográfica dos Livros: “O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade” de Haesbaert (2004) e acrescido do Artigo: “Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana” de Magnani (1996). Num segundo momento foi realizado um levantamento para obtenção de dados qualitativos e quantitativos acerca dos skatistas para identificar faixas etárias, localização, moradia, comportamentos, perfis e a quantidade parcial de praticantes de skate na Praça Mané Garrincha. E terceiro realizei um estudo acerca da praça, procurando um aprofundamento dentro da realidade dos skatistas inserindo-me nesta, basicamente realizando observação direta das atividades destes indivíduos e estudando as entrevistas semi-estruturadas e estruturadas dos informantes relacionadas às suas vidas e ao ambiente nesse processo de interação dos mesmos com outros indivíduos, buscando captar as explicações e interpretações do que ocorre nesta realidade.

Na segunda parte da monografia temos uma discussão do referencial teórico metodológico, dos autores Haesbaert (2004) e Magnani (1996), no qual o primeiro trabalha com as categorias *Território* e *Espaço* e o segundo trabalha com a categoria *Pedaço*, as mesmas categorias serviram como instrumentos de análise para que se entenda como surgiu e permanece o conflito dos skatistas dentro da Praça Mané Garrincha. As categorias usadas são de suma importância, para que possamos compreender as construções estruturais da praça e o espaço para percebemos como essas relações sociais a partir do território foram se construindo dentro dele, o pedaço e território serve para entendermos o sentimento de pertencimento e de posse que os skatistas têm dentro da praça e das rampas da praça.

Deslocando-nos para a terceira parte, temos uma descrição de algumas pesquisas das áreas das Ciências Humanas e Sociais realizadas sobre o skate em algumas localidades do Brasil, onde traz um resumo de pesquisas com diferentes temas e abordagens, desde a questão de território, gênero, relações sociais e etc. Logo mais, também é feito um apanhado histórico do surgimento da prática do skate no Brasil, desde a relação que o mesmo manteve e exerce com o surf, as revistas, mídias e o movimento Punk.

Na quarta parte busquei apresentar a Praça Mané Garrincha para nos localizarmos dentro da mesma, apresentando suas características estruturais e as pessoas que a utilizam, no qual estão imersos dentro de sua realidade e relações sociais. Para que em outro capítulo possamos compreender seu território e pensarmos na sua relação com os skatistas e outras tribos, sendo assim, apresento quais os grupos a compõem e como estes realizam dinâmicas de interação dentro do espaço da praça.

Em uma quinta e última parte venho mostrar como são as construções e influências dos skatistas nos territórios da Praça Mané Garrincha, e o princípio do conflito a partir do início do skate em Imperatriz, para depois relacionar e compreender as territorialidades e espaços em conflitos na Praça Mané Garrincha. Sendo assim, num aporte mais temporal apresento o desenvolvimento do skate em Imperatriz a partir de 2015, finalizando com um contexto de como os skatistas dominam esse território e o espaço para manter um lazer e sociabilidade dentro destes.

Para esses processos de constituição do trabalho de pesquisa, foi necessário, como declarado, acima que dialogássemos com as categorias Território, Espaço e Pedço (tendo um referencial teórico metodológico) com os sujeitos e campo de pesquisa, ou seja, os Skatistas e a Praça Mané Garrincha. Compreende-se assim, que Território e Pedço são categorias que se cruzam, assemelham-se e se relacionam, assim como o Espaço são as relações sociais que são realizadas dentro destes (Território e Pedço).

2. REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Apresento aqui um apanhado das categorias teóricas metodológicas usadas para realizar essa pesquisa, onde as categorias aqui abordadas são *Territórios* e *Espaços* de Haesbaert (2004) e *Pedaço* de Magnani (1996), servindo as mesmas como reflexões para realização dessa pesquisa e estudo do campo de pesquisa.

2.1- Territórios, Espaços e Pedaços.

Conforme Haesbaert (2004), a sociedade e espaço social são dimensões gêmeas. Não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade e a sociedade, sem ao mesmo tempo inserí-los num determinado contexto geográfico, ou seja, “territorial”.

A Praça Mané Garrincha é o espaço social e os indivíduos que a ocupam é a sociedade, no qual os mesmos são dimensões gêmeas com características em comum, não sendo possível caracterizar um skatista ou mais skatistas ou as próprias comunidades e sociedades que habitam na praça sem pensar neles enquanto sujeitos que estão inseridos dentro da Praça Mané Garrincha, ou seja, dentro de um Território e Pedaço.

Partindo da contribuição de Haesbaert (2004) usei a sua categoria território e usos do espaço para realizar o trabalho de campo, que consistirá em observações diretas e participantes e entrevistas com os skatistas da Praça Mané Garrincha. Tendo como hipótese que os skatistas possuem códigos e maneiras de se comportar que são específicas do grupo, ou seja, espécies de regras que fazem com que se conheçam como grupo e ao mesmo tempo se diferenciem dos demais grupos e pessoas que consomem aquele espaço.

Segundo Tönnies (1963) In Magnani (1996), esquematicamente, comunidade é marcada pelos laços de sangue, não em um sentido biológico, mas o modo de tratamento e comportamento relacionado a parentesco (irmandade, solidariedade, conflitos), relações primárias, consenso num sentido de obedecer a formas de comportamentos pré-estabelecidas e rígido controle social para uma manutenção do conflito; já a sociedade, ao contrário, caracteriza-se pela presença de relações secundárias, pela convenção, anonimato, troca de equivalentes.

A partir disso, percebo que os skatistas são uma comunidade, porque neles há um modo de tratamento e comportamento comum ao parentesco (irmandade, solidariedade, conflitos), onde os mesmos se dispõem a obedecer às regras impostas numa relação primária.

Se atentando a Magnani (1996),

Mas o que importa ao olhar antropológico não é apenas o reconhecimento e registro da diversidade cultural, nesse e em outros domínios das práticas culturais, e sim a busca do significado de tais comportamentos: são experiências humanas - de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade - e que só aparecem como exóticas estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido [...] (MAGNANI, 1996 p. 18).

Todavia, não devemos focar somente em observar e descrever o que se observa na Praça Mané Garrincha naquele determinado momento de inserção, tratando o indivíduo skatista sempre como grupo, mas buscar conhecer o processo que deu um significado a essas formas de representação, que seria o fato de defini-lo como “o Skatista”, relacionando todo esse processo a partir das experiências de sociabilidade entre estes (os skatistas da) praça, do trabalho, do entretenimento, da religiosidade, para assim não conceber o skatista como algo geral e macro, mas entender as subjetividades/singularidades que o compõe.

Com base em Haesbaert (2004) todos os que vivem dentro de seus limites tendem assim, em determinado sentido, a ser vistos como “iguais”, ou seja, os skatistas que estão sempre ali praticando skate na praça tendem a ser vistos como iguais e aqueles que se relaciona num espaço determinado que fosse praça/rampas e praticam algo em comum que é a prática de skate, de certa forma passam a ser visto como um grupo coletivo onde estes são “iguais”, tanto pelo fato de estarem subordinados a um mesmo tipo de controle (interno ao território), e até serem definidos por outros grupos externos que estão fora deste território ou do grupo de skatistas, quanto pela relação de diferença que, de alguma forma, se estabelece entre os que se encontram fora de seus limites, seriam eles os patins, bicicross e etc.

Deslocando-nos à categoria Peçaço, vemos que pessoas de pedaços diferentes, ou alguém em trânsito por um pedaço que não o seu, são muito cautelosas: o conflito,

as hostilidades estão sempre latentes, pois todo lugar fora do pedaço é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo (MAGNANI, 1996 p. 33).

Embora muitos materialistas, em especial os mais tecnicistas, possam simplificar, afirmando que o território se restringe à base espaço-material sobre a qual se reproduz a sociedade, outros, notadamente muitos materialistas dialéticos, dirão que o território é, antes de tudo, um conjunto de relações sociais [...] (HAESBAERT, 2004 p. 80).

Pensando a Praça Mané Garrincha a partir do conceito de “pedaço” usado por Magnani (1996), percebo que quando o espaço da praça ou um segmento dele, ou seja, o local usado pelos skatistas, assim demarcado, torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, por manterem interação e sociabilidade nesse espaço regularmente, como no caso a pista sendo usado pelos skatistas, recebe o nome de "pedaço" dos skatistas.

É nesses espaços onde se tece a trama do cotidiano: a vida do dia-a-dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais. É também o espaço privilegiado para a prática do lazer nos fins de semana nos bairros populares. Desta forma, o "pedaço" é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (entre as quais as de lazer) e condição para seu exercício e fruição (MAGNANI, 1996 p. 32).

No território, ou seja, na praça é onde se constrói o convívio social entre o grupo/tribo, sendo estes skatistas, patinadores, bicicross, frequentadores e etc., desde as credulidades, moralidade, práticas corriqueiro-cotidianas, a troca de conhecimento e solidariedade, e até o inevitável conflito. O espaço com base em Magnani (1996) é que se define pelas práticas que são efetuadas dentro de seu local, o local aqui em questão é a Praça Mané Garrincha, sendo essas práticas as esportivas, lazer, trabalho e afins, que seriam andar de skate, bicicleta, patins, grafitar e transitar, as que definem o espaço da praça.

Embasando-me em Magnani (1996), o pedaço surge nas relações coletivas desenvolvidas no espaço, que trazendo para os lócus seria a prática do skate pelos skatista na Praça Mané Garrincha guiadas por objetivos comuns, sejam eles esportivos, lazer, diversão, etc., onde mantém uma relação com patins, bicicross e outras práticas.

Magnani (1996) reforça essa concepção de território apropriado e definido, no qual segundo este, estar entre iguais, nesses lugares: O território é claramente delimitado por marcas exclusivas, de um grupo que o ocupa, que aqui no caso seria a

ocupação e marcas deixadas pelos skatistas nas rampas, sendo elas desenhos e grafitagens relacionadas ao skate ou até sobre eles mesmos, ou a própria estrutura das rampas para essa prática. O componente espacial do pedaço já adquiriu outra significação, mesmo ainda que inserido num equipamento ou lugar de amplo acesso, não comporta ambiguidades porque está impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica.

Podemos observar a categoria de “territorialidade humana” abordada por Haesbaert (2004), envolvendo está “o controle sobre uma área ou espaço que deve ser concebido e comunicado”, e na qual dentro dessa noção de espaço, penso nele sendo a praça e o grupo fixo, sendo os skatistas que inserem as regras de controle, porque a territorialidade humana é “melhor entendida como uma estratégia espacial para atingir, influenciar ou controlar recursos e pessoas, pelo controle de uma área e, como estratégia, a territorialidade pode ser ativada e desativada”. O uso da territorialidade “depende de quem está influenciando e controlando quem e dos contextos geográficos de lugar, espaço e tempo [...]” (HAESBAERT, 2004 p. 86).

Sendo assim, trazendo essa perspectiva para a praça vemos que seu espaço assume outros papéis, além de ser espaço de práticas esportivas, serve esta como local para práticas econômicas, como, por exemplo, a existência de camelôs e quiosques, serve como travessia/percurso para pedestres, atividades culturais, festas, palestras, lazer e práticas religiosas.

O fato de a praça assumir vários usos, por muitos pode ser encarado segundo Haesbaert (2004) como um processo de desterritorialização significando “fins de territórios”, aparece associado, sobretudo, com a predominância de redes, completamente dissociadas de e/ou opostas a territórios, e como se crescente globalização e mobilidade fossem sempre sinônimas de desterritorialização. Ou seja, o fato de haver várias redes invocadas pelo múltiplo papel que o espaço assume, faz com que se distancie da noção de território como algo apropriado por um grupo específico que já lhe definiu. O fato da mobilidade dentro desse espaço para alguns pesquisadores torna esse “território” como espaço em transição, não sendo esse definido ainda como território.

O espaço pode ser usado de várias formas, segundo Magnani (1996) ruas, praças, edificações, viadutos, esquinas e outros equipamentos estão lá, com seus usos e sentidos habituais.

Na realidade são as práticas sociais que dão significado ou resignificam tais espaços, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação: casa / rua; masculino / feminino; sagrado / profano; público / privado; trabalho / lazer e assim por diante. Uma classificação com base nesses eixos de oposições não produz tipologias rígidas (rua como pista de rolamento; calçada, área de circulação de pedestres, etc.) porque não opera com sentidos unívocos: às vezes, o espaço do trabalho é apropriado pelo lazer, o do passeio é usado como local de protesto em dia de manifestação, o âmbito do masculino é invadido pelo feminino, a devoção termina em festa... (MAGNANI, 1996 p. 38).

A minha seguinte percepção é que Território e Pedço assumem semelhanças, porque ambas são características que definem de quem é o local e quais símbolos que marcam a apropriação desses, o Espaço será as relações sociais e práticas realizadas dentro do Pedço e Território, que carregam uma configuração de quem está no domínio e se significam pelos skatistas que estão praticando e deixando símbolos nas rampas e Praça Mané Garrincha.

Em um próximo capítulo será apresentado algumas pesquisas sobre o skate no Brasil, algumas relacionadas a estudar territórios, pedaços e espaços criados por skatistas, tanto em questão de gênero, relações sociais, lazer e etc., numa busca de entender o processo histórico, conflitos e dinâmicas criadas por estas "comunidades", "tribos" e "grupos".

3. ALGUMAS PESQUISAS SOBRE O SKATE NO BRASIL

A seguir será apresentado um resumo de algumas pesquisas sobre o Skate no Brasil, onde as obras aqui selecionadas foram publicadas a partir dos anos 2000, sendo assim, apresentarei as pesquisas que se aproximam e as que se distanciam de minha proposta de pesquisa. As pesquisas foram encontradas em sites virtuais devido à maior acessibilidade, sendo as mesmas, das áreas das Ciências Humanas e da Antropologia, não sendo elencadas pesquisas de outras áreas⁸. Poderemos observar pesquisas realizadas em algumas cidades do Brasil e depois iremos finalizar esse resumo de obras com pesquisa (as) locais (Imperatriz).

Entre as pesquisas antropológicas temos autores/pesquisadores como Billi Graef Bastos (2006), Márcia Luiza Machado Figueira (2008), Marcelo Rampazo (2013) e Giancarlo Marques Carraro Machado (2011).

O pesquisador Bastos (2006) em sua dissertação “Estilo de vida e trajetórias sociais de Skatistas: da “vizinhança” ao “corre”” traz uma pesquisa de campo iniciado, em 2004 onde ele analisa a “trajetória coletiva dos Skatistas”, a partir de “teorias da ação”, com influência de autores como Bourdieu, Passim e Lahire, o mesmo esteve em competições de diversos municípios da região metropolitana de Porto Alegre, como Novo Hamburgo e São Leopoldo, onde também se fez presente em reuniões na Assembléia Legislativa, no Fórum Social Mundial e do Orçamento Participativo de Porto Alegre (acompanhando os skatistas) e em lojas de Skate etc., realizou algumas inserções a campo onde objetivava em seguida, “compreender um estilo de vida particular, o daqueles que vivem – ou têm como horizonte viver do skate, a partir de suas trajetórias particulares”, sendo essa trajetória social dos sujeitos de pesquisa. Bastos (2006) buscou vivenciar o mundo dos skatistas visando ver quais eram seus sonhos através de entrevistas.

Em uma citação direta de seu resumo da dissertação, Bastos (2006) relata que “entre as principais contribuições que o trabalho traz, está o fato de que, no universo social do skate e dos patrocínios, o capital corporal/esportivo não é a única

⁸ A não seleção de pesquisas de outras áreas se dá no sentido de que as mesmas não fazem parte do recorte e objetivo de pesquisa aqui pleiteado, sendo essa pesquisa de cunho das Ciências Humanas e Sociais, onde para facilitar o recorte de pesquisa e dados bibliográficos, não consideramos que outras áreas como das Ciências Exatas, Biológicas e afins não seriam necessárias no momento para a problematização apresentada.

determinante para o “sucesso”. Bastos (2006) mostrou como a entrada no skate patrocinado se dá pelo acúmulo de sucessos em ambientes de competição e de fotografias e filmagens para vídeo magazine e revistas e que a permanência se constrói a partir de uma série de injunções, renúncias por um lado e acessos por outro (p. 152).

O que Bastos (2006) tem em comum com a pesquisa aqui apresentada é o uso do autor Magnani, onde ele utiliza textos relacionados ao conceito “pedaço” e “etnografia”. Além do fato de também buscarmos compreender as trajetórias dos skatistas a partir do processo de convivência com a realidade social dos mesmos.

Já Figueira (2008) retrata em sua tese “Skate para meninas: modos de se fazer ver em um esporte em construção” a dimensão relacionada ao gênero, onde sobre minhas análises do texto encontrei uma antropologia “mais poética”, partindo do tema de investigação “Skate Feminino”. A pesquisa da mesma iniciou-se em 2004. Figueira (2008) busca analisar “relações de gênero e sua articulação com o esporte e lazer”, apresentando a construção de posições machistas no skate e problematizando o “Skate como esporte de apropriação masculina”.

Busca também pesquisar o universo das práticas corporais esportivas de jovens mulheres que transitam em espaços socioculturais onde, tradicionalmente, a presença masculina se dá em maior número e com forte representação, o Skate feminino para ela surge como lócus de sua investigação, percebendo esta como um “território” que contempla inúmeras questões afeta as relações de poder que circula em torno da busca de significações, a categoria que ela utiliza é “Gênero” de Michel Foucault.

Alguns locais de pesquisa que ela esteve presente por dois meses foram a Praça do IAPI e o Parque da Marinha do Brasil ambos em Porto Alegre, onde nesses locais possui pistas de skates, Figueira (2008) objetiva compreender como as práticas de Skate constroem seus lugares de sujeito no universo desta prática esportiva e busca ainda analisar as representações de gênero que circulam no entorno desta prática.

Assim apresento as seguintes considerações:

Ao tomar o skate como um espaço atravessado por relações de poder, evidencio as diferentes estratégias adotadas pelas skatistas para conquistar visibilidade dentro de uma modalidade esportiva que, no Brasil, está em construção. Evidencio, ainda, que as diferenciações entre o skate masculino e feminino operam dentro de uma ordem

hierarquizada entre os gêneros, sendo o masculino aquele que é tomado como o referente. Em função dessa constatação, as skatistas buscam distintas formas de se fazer ver, inclusive, no que respeita a sua feminilidade. Desse modo criam condições de possibilidade de poder mostrar o que sabem e de posicionarem como sujeitos desta prática (FIGUEIRA, 2008 p. 8).

Em tal pesquisa a única familiaridade encontrada com a proposta dessa monografia foi à análise de relações sociais construídas a partir do skate, todavia, nenhum autor é usado em comum.

Rompazzo (2012) traz em sua dissertação “Skate, Uma Prática No Lazer Da Juventude: Um Estudo Etnográfico” temas como jovens e juventudes no lazer, a partir da relação jovem-lazer, família, educação e trabalho, sendo uma pesquisa etnográfica onde busca analisar grupo de jovens praticantes de Skate a partir de observação direta na pista pública de Skate do Bairro IAPI na cidade de Porto Alegre, tendo nove meses de observação direta, este busca descrever aspectos materiais da pista e posteriormente os aspectos simbólicos a partir do conceito “rede de relações”, sendo sua pesquisa uma Etnografia Urbana.

O autor procura descrever a distinção que há entre os “calças coladas” e os “calças largas”, alguns destes últimos já foram descritos na pesquisa de Bastos (2006) quando acompanhou a trajetória de profissionalização de alguns skatistas, a forma pela qual estes passavam a viver do skate (ROMPAZZO, 2012 p.1).

A proximidade com essa pesquisa se dá pelo fato de ser uma pesquisa também antropológica que parte da observação direta, além de trabalhar com diferentes grupos e analisar as relações que estes exercem um com o outro.

Outra obra antropológica estudada foi à dissertação de Machado (2011), intitulada *De “carrinho” pela cidade: a prática do street skate em São Paulo*, tal pesquisa parte da análise dos múltiplos sentidos atribuídos à prática da modalidade Street Skate em São Paulo, por meio da etnografia ele pretende evidenciar não só os aspectos em torno do exercício de uma prática esportiva, mas, sobretudo, as implicações em virtude dos usos e apropriações dos espaços urbanos por parte dos cidadãos. Através de um olhar skatista sobre a cidade analisa as redes criadas acerca dos circuitos Sampa-Skate.

Machado (2011) utiliza conceitos como “lugares skatáveis” e “picos”, os autores utilizados pelo mesmo em tal pesquisa é Magnani e Gilberto Velho, outros autores que influenciam nessa pesquisa de Machado são Robert Parker e George Simmel. Temos algumas metodologias de pesquisa em comum além do fato de buscarmos compreender um pouco desse mundo do street skate.

Em pesquisas na área de História temos a dissertação de Brandão (2006), onde ele faz um levantamento histórico do surgimento e discussões acerca do skate, retratando a influência do surf como algo que “foi se modificando e surgiu assim o skate”, apresenta também um pouco das “apropriações do mercado sobre essas identidades” advindas do skate, seu objeto de pesquisa é o Skate de Rua. Sua pesquisa é de grande importância para que possamos entender esse contexto histórico do surgimento do skate e as influências e bases que o fizeram se legitimar como uma prática esportiva.

Dentre as Ciências Sociais apresenta-se aqui uma das pesquisas que mais se aproxima com a perspectiva dessa monografia, a dissertação “Entre o liso e estriado” de Olic (2010), sendo a mesma uma pesquisa etnográfica que retrata a apropriação do espaço urbano pelos skatistas, trabalhando com os conceitos territórios e espaço, a pesquisa estuda “O fluxo das relações entre o skate e a cidade”, ao invés do mesmo identificar as características, busca traçar intensidades e multiplicidades. Olic (2010) busca entender categorias analíticas, como identidade, grupo e sociedade.

Olic (2010) realiza uma descrição etnográfica onde se utiliza das práticas de campo enquanto dinamismos criadores. Seu trabalho de campo também é pautado em uma “etnografia móvel” e “multilocalizada”, buscando estudar múltiplos agentes que atravessam a pista de skate, a partir dessa nova Geografia resultada de uma maior fixação da prática do skate em espaços pré-estabelecidos para sua prática. Tem-se em comum com a pesquisa apresentada o uso do autor Magnani e Gilberto Velho, o uso de categorias como Pedço, Espaço, Territórios.

Em imperatriz “há poucas pesquisas relacionadas ao Skate”, encontramos apenas uma pesquisa, trata-se do trabalho de Marmanillo (2017), publicado na revista VISAGEM em 2017, intitulado “Do extraordinário ao cotidiano: Itinerários de uma experiência fotoetnográfica em Imperatriz”, tendo como lócus a interação com

Skatistas de Imperatriz/MA. Marmanillo (2017), parte da “hipótese de que a fotografia funcione como uma espécie de sinalizador” onde nos permite ”avaliar as experiências de campo e problematizar a própria pesquisa com imagens”, o mesmo pretende enfatizar o “saber imagético da fotografia como duplo caminho por meio do qual o pesquisador tem acesso, não só às informações sobre o “outro”, mais sobre si mesmo em relação a esse “outro”. ”.

A pesquisa do mesmo não se aproxima muito da minha, devido ser mais relacionada à Antropologia Visual, usando diferentes distintivos de categorias para análise, todavia, o ponto de coincidência foi o fato de o mesmo ter frequentado também a Praça Mané Garrincha.

3.1 - Surgimentos do Skate no Brasil nas Décadas de 1980 e 1990

Brandão (2012) busca retratar um pouco da história do surgimento do Skate no Brasil, a partir da mídia (revistas, propaganda) e também do mercado (lojas, produtos), analisando quais influências o Skate brasileiro adquiriu para se legitimar. A seguir um breve resumo da história do Skate no Brasil.

Nos Estados Unidos da América, skate é chamado de skateboard, expressão que se traduzida para o português possivelmente possa significar algo como “madeira com rodas”. De início, a prática do skate se desenvolveu neste país, principalmente no Estado da Califórnia, e depois despontou em outras partes do mundo, em especial, no Brasil (BRANDÃO, 2012 p. 18).

Conforme Brandão (2012) a partir da segunda metade da década de 1970 começou a existir um processo de esportivização ligado ao skate no Brasil. Segundo o autor, isso pode ser observado a partir do surgimento de “campeonatos - circuitos estaduais e nacionais e a constituição de associações entre skatistas e empresários”.

No Brasil surge a comercialização de produtos voltados para a prática do skate até então, ainda não considerada um esporte, a mídia começa a fazer reportagens, propagandas, revistas, e o empresariado começa a ver a prática do Skate como potencial econômico, sejam com roupas, sapatos e outros produtos que mantêm relação com o Skate.

Todavia, a prática sendo algo novo ainda, e tudo que é novo causa estranhamento, seja pelo fato de não ser considerado um esporte ou desconhecimento

de tal prática, gerou assim, vários conflitos com a sociedade civil e militar, onde os mesmos consideravam os praticantes como marginais e não esportistas. E segundo Brandão (2012), a existência dessa ambivalência nas representações sobre o skate, a qual transita tanto pelo reconhecimento esportivo quanto pelo campo da marginalização, tem seu fundamento na história da constituição dessa prática no país, onde a mais reprimida nesse momento é a modalidade denominada skate de rua (streetskate).

Com base nisso segundo a Revista Tribo Skate (1999) In Brandão (2012), a década de 70 no Brasil foi marcada pelos primeiros passos, descobertas e aprimoramentos de manobras no skate, porque o mesmo surge da prancha de surf, onde ocorreu o processo de injetar rodinhas na mesma e alterar seu formato para facilitar locomoção no asfalto. Tarefa nada fácil, afinal, as referências para evoluir eram mínimas, os materiais limitados e as técnicas teriam que ser exploradas simplesmente por instinto. Era certamente um esporte novo no país e no mundo (Revista Tribo Skate, n. 50, 1999, p. 42 Apud BRANDÃO, 2012 p. 9).

As influências do Surf para o surgimento do Skate vêm no seguinte trecho do texto,

De acordo com a primeira parte do livro “A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil”, escrita por César Augusto Diniz Chaves Filho (2000) ou simplesmente Cesinha Chaves, como é mais conhecido, o skate chegou ao Brasil através de alguns surfistas cariocas ainda no final da década de 1960, que o descobriram em anúncios veiculados por uma revista norte-americana chamada Surfer. Ainda nesta década, como informou Chaves, o skate era mais conhecido como “surfinho”, pois havia uma grande associação entre essa prática e a do surfe. Em uma entrevista à revista Tribo Skate, o próprio Chaves, que começou a praticar skate no ano de 1968 no Rio de Janeiro, comenta que as únicas referências que os cariocas tinham eram as revistas norte-americanas de surfe, como a Surfer e a Surfing, nas quais o skate aparecia muito timidamente, geralmente em anúncios de uma loja chamada Val Surf. (p. 9-10)

Brandão (2012) nos possibilita entender essa transitoriedade da prancha de surf para o Skate, com base nele no início, como não havia skates – ou surfinhos – para vender no Brasil, os jovens o improvisavam arrancando os eixos e rodas dos patins e os fixando numa madeira qualquer, seja está uma prancha de skate ou outro tipo de madeira, cortando-a no formato que viam nas páginas das citadas revistas norte-americanas, nisso já vemos a influência da cultura norte-americana no surgimento da

prática. Sendo assim, vemos a relação do surf com o skate, onde por volta de 1974, quando os primeiros skates passaram a ser vendidos no Brasil, eles eram encontrados somente em “surf shops”, ou seja, em “lojas de surfe”.

E a mídia não fica de fora disso, as revistas eram os principais meios nesse início para repercutir a prática do Skate, principalmente perto da década de 80. No território e espaço urbano segundo Brandão (2012), o uso do skate despertava em seus praticantes uma nova e inusitada relação com a cidade, e as revistas de skate, como a Esqueite e diversas outras que surgiram depois, como a Brasil Skate em 1978, ou a Overall, a Skatin, Vital Skate e a Yeah! – Essas na década de 1980 – incentivavam a prática do skate nos espaços urbanos.

Na segunda metade dos anos 1980, segundo Brandão (2012),

A revista Yeah! (junto a Overall e outras publicações do mesmo período), trabalhou no sentido de registrar, com textos e imagens, o skate vivido no momento; mas, por outro lado, ela também ajudou a fomentar esta prática, criando conceitos, projetando nomes e tendências. A Yeah! É uma das principais fontes sobre skate no período, sendo a análise de seu conteúdo de extrema importância para uma melhor compreensão do aparecimento do skate de rua (streetskate), sua relação com a cidade e com os fenômenos sociais a ele articulado, como é o caso do punk (. 12).

Vemos as revistas assim, como sujeitos que de certa forma legitimavam e ajudavam na aceitação do skate, não pelo fato de que elas tenham um grande interesse em desconstruir a visão de que o skate era algo relacionado a vândalos ou diminuir a resistência da aceitação da prática que era algo novo, sabe-se também do interesse mercadológico sobre a prática do skate que as revistas tinham, todavia, elas fomentaram a prática e aceitação devido as suas influências, incentivando a prática e servindo como meios de armazenar memórias e criar novas perspectivas, apesar de apreciar o Skate também como forma de obter lucro. Apesar dos grandes avanços do skate no Brasil, ocorreram alguns conflitos também nessa década, como a proibição da prática de Skate.

Com base em Brandão (2012) a proibição do skate, como experimentada em São Paulo, tornou-se impraticável⁹. Todavia, as prefeituras buscaram soluções que eu

⁹Um episódio significativo dessas aventuras do skate pelos espaços urbanos foi sua proibição no ano de 1988 pelo ex-presidente da República e então prefeito da cidade de São Paulo, Jânio Quadros. Esta medida, tida pelos skatistas “como a maior repressão e abuso de poder já vistas contra o skate” (BOLOTA, 2001, p.

diria ser “as primeiras políticas públicas voltadas para os Skatistas”, que com base em Brandão (2012) realizaram assim construções de pistas de streetskate, com obstáculos que imitam a cidade para apaziguar a situação e ainda garantir os impostos cobrados sobre a crescente indústria do skate brasileiro.

Ou seja, a prática do Skate nesse momento não é algo mais relacionada só como meio de lazer conforme os órgãos municipais de São Paulo pensavam, mas sim, visto como formas de resistências que eles combatiam e que gerava conflitos, logo, viram que em toda essa situação de conflito dos skatistas contra órgãos municipais necessitava ser apaziguada, não porque pensava o lazer como prioridade, mas, pelo fato de que os mesmo perceberam que o skate serviria de grandes interesses econômicos a eles e para as indústrias.

Embora haja no Brasil algumas pistas de skate que datem do período anterior ao desenvolvimento do streetskate (ocorrido por volta da metade da década de 1980), como a de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro, a primeira do Brasil, de 1976, ou a pista do Clube 12 de Agosto, em Jurerê, Florianópolis, construída por volta do ano de 1977, elas são poucas e raras. Além disso, foram construídas para atender outras modalidades do skate, como aquele praticado em transições. As pistas de street, que apresentam obstáculos que simulam os relevos e aparelhos urbanos (escadas, bancos, corrimãos) encontrados nos logradouros públicos, somente vieram a ser construídas a partir da necessidade, percebida pelos órgãos públicos, de delimitar e disciplinar a prática do skate de rua (BRANDÃO, 2012 p. 19).

Vemos Brandão (2012), apontar algumas pistas que foram construídas no Brasil após o início da prática de skate, onde mostra que a construção das mesmas não era no objetivo de atender ou incentivar a prática, mas, tirar o skatista da rua, porque até então o mesmo é visto como modificador/deturpador do espaço urbano, então a prefeitura criou a maneira de delimitá-lo a um espaço pré-determinado, seja, pistas de skates, praças ou lugares destinados à prática do Skate.

Após essa abordagem do surgimento do skate no Brasil buscarei apresentar como é caracterizada a Praça Mané Garrincha e como foi o processo histórico de

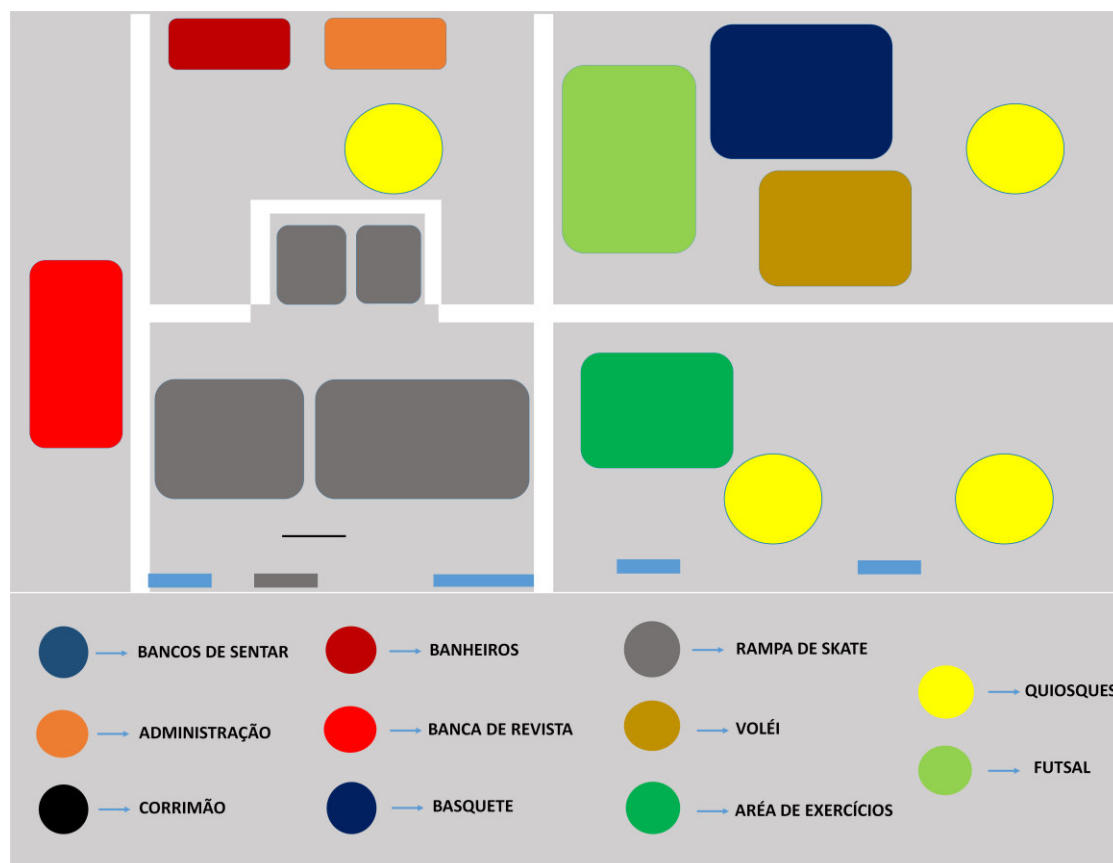
38), foi noticiada pela revista Overall, de junho de 1988, pela manchete “skate não é crime”. Primeiramente, Jânio Quadros proibiu o skate no parque do Ibirapuera, um local onde há anos ele vinha sendo praticado. Não satisfeito, decidiu também os proibir por toda a cidade. As cartas dos leitores que chegavam às revistas de skate existentes no período atestam o desagrado provocado pela medida: “Venho criticar Jânio Quadros pelo que fez com os skatistas em São Paulo, proibindo o skate nas ruas [...], pois estou descontente com a repressão das autoridades para com os skatistas” quatro. (BRANDÃO, 2012 pag.16)

territorialização da mesma pelos skatistas de Imperatriz, sendo a Praça hoje um espaço usado para prática de skate e outros esportes radicais ou não radicais.

4. PRAÇA MANÉ GARRINCHA E OS FREQUENTADORES

O espaço físico da Praça Mané Garrincha como se observa na **Imagem - I¹⁰** é formado por cinco bancos de cimentos, três estão ao lado leste da praça e mais dois ao centro, onde um desses é destinado à quadra de futebol/Basquete, tendo no local mais de oito árvores dispersas, uma banca de revista ao lado norte da praça, quatro quiosques, sendo um no centro da praça, dois ao lado leste da praça e o outro ao lado sul, também há quatro rampas de Skate localizadas no centro da praça, na qual há duas maiores (totalizando cada uma 18m/33m) e outras duas menores (cada uma medindo 7m/12m), havendo também um parque, uma área de vôlei de areia, uma área de futebol de areia, uma quadra de futebol/Basquete, um banheiro feminino e um masculino, um espaço para administração (não ocupado) e uma área para exercícios físicos, tendo algumas árvores e pinturas existentes no local, além disso, há vendedores ambulantes utilizando o local para comercialização.

Imagem I – Praça Mané Garrincha



Fonte: Lira, 2018.

¹⁰ A ilustração apresentada não é uma representação fiel da organização da praça, pois na mesma foi desconsiderado a vegetação e alguns bancos de sentar...

No interior da praça são executadas práticas com o skate, patinação e ciclismo dentro das quatro rampas, futebolismo nas áreas de basquete, quadra e areia. É praticado vôlei tanto na área de areia como na área da quadra, devido a pouca iluminação alguns espaços da praça são utilizados por pessoas para fumar durante a noite. O consumo de mercadorias ocorre tanto nos quiosques e banca de revistas onde geralmente os consumidores são transeuntes que passam pela praça. Já diante da praça ocorrem vendas por camelôs e pessoas que ficam observando os skatistas andarem ou até mesmo pais que acompanham seus filhos. Ocorrendo também o percurso de universitários, secundarista e estudantes do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) pela praça.

Os skatistas têm um modo particular de se comportar e realizarem as mesmas atividades, ou seja, andarem nas quatro pistas de skate e fazerem manobras, falarem gírias e se comunicarem geralmente entre eles mesmos, sendo tais atividades algumas que os identificam como skatistas. A pessoa que chega lá como iniciante querendo aprender andar de skate vai assumir um papel que será o deles também. O fato de praticarem a mesma atividade os torna um grupo, e quando um novo agente quer participa dessa trama, vai ter que seguir o desempenho destes para entrar no grupo.

4.1 - Indivíduos Que Ocupam a Praça

Dentro da praça há vários indivíduos que exercem atividades no local com base em minhas observações diretas e participantes, tais indivíduos possuem diferentes características, modos de habitação, tempo de ocupação e relações entre estes de diferentes modos.

Os indivíduos que compõe a praça podem ser divididos a partir de suas atividades exercidas. Temos o (as) skatistas que geralmente estão em maior número de 18hrs a 23hrs da noite, os patinadores geralmente estão em maior número de 17hrs a 19hrs, os policia que geralmente vem a partir de 17hrs até 22hrs, vendedores e camelôs ambulantes que vendem comidas e quiosques que ficam abertos entre 8hrs a 18hrs, bancas de revistas que ficam de 8hrs a 18hrs; jogadores de futebol de quadra que vem geralmente à noite, vôlei de areia, vôlei de quadra, e basquete, há também transeuntes e ciclistas, e metaleiros pela noite.

Os skatistas são um grupo que utilizam as quatro rampas de skates, os mesmos às vezes consomem alimentos nos quiosques e lanches da praça, às vezes os skatistas chegam acompanhados na praça de alguma pessoa, seja amigo, mãe, pai ou parceiro (a) dos mesmos, que ficam sentados nos bancos da praça observando estes praticar skate. Estes ocupam o espaço em alta proporção das 16 horas até 22 horas.

Os patinadores são pessoas que geralmente já chegam com patins e calça jeans, ficam nas rampas pequenas em maioria do tempo, mais mesmo assim utilizam as rampas grandes, são poucos estes que ocupam o local e não tem muito contato com grupos diferentes dos deles, ficam conversando muitas vezes entre eles mesmos, ocupam o local geralmente de 17 horas a 19 horas, chegando estes sozinhos ou acompanhados de outros patinadores.

A polícia faz geralmente rondas na praça e chegam de modo rápido, quando menos se percebe estes chegam de moto e imediatamente abordam jovens que estão aglomerados fumando nas áreas escuras, ou menores que consideram como suspeito, e após isso se retiram do local, ocorre à permanência de policiais no local por mais de duas horas a partir de 18 horas, no qual ficam observando o local e às vezes estacionam seus carros policiais na praça. Estes não se comunicam com os outros participantes, somente em caso de abordagem ou estes chegarem até eles.

Temos também os vendedores de comida que são um total de cinco pessoas, que vendem em seus quiosques ou lanches ambulantes, os ambulantes permanecem mais horas no local. Já na praça há somente três vendedores de revista sendo uma mulher e dois homens.

Os jogadores de futebol de quadra, vôlei de areia, vôlei de quadra, e basquete, são maioria homens, sejam adultos ou jovens e crianças, enquanto jogam são assistidos por jovens sentados no banco da quadra, os observando-os e torcendo. Os jogadores às vezes chegam com roupas de praticar esporte ou até mesmo despojado, há competições dos mesmos ou apenas utilizam o esporte como momento de lazer, exercício e distração.

Transeuntes é um termo para aqueles que só estão visitando o local, ou usando este para locomoção devido ao local dar acesso a vários pontos como restaurantes, escolas, fórum, são estes estudantes que vão sentar nos bancos para esperar carona,

trabalhadores que estão vindos de seus trabalhos, mães com seus bebês passeando, pais que levam o filho para realizar atividade no local e pessoas fotografando. Os ciclistas usam todas as pistas, contudo uma maioria usa a pista maior, são homens e mulheres que realizam manobras sobre o ar, possuem bicicletas sem freios, e direção 360 graus com molas e amortecedores, estes não possuem muito contato com os outros indivíduos, andam sós ou acompanhados por outra pessoa.

Os metaleiros vão ao local para ingerir bebida alcólica e ouvir músicas, ficam sentados nos bancos conversando, bebendo e fumando, enquanto sua caixa de som toca rock, indie e metálica, os mesmos estão vestidos de preto e com pircers, alguns dos skatistas fazem parte desse grupo e outros skatistas que não apresentam características comuns visualmente ao dos metaleiros, mesmo assim, gostam do mesmo estilo de música e mantém uma relação de amizade com o pessoal que vai ouvir música na praça, os metaleiros assim como têm amizade com os skatistas também têm com os grafiteiros e patinadores, vejo presente nos metaleiros e alguns skatistas um estilo Punk.

Após conhecermos um pouco das estruturas e grupos da Praça Mané Garrincha, apresenta-se a frente um pouco do contexto histórico do processo de territorialização conflituoso da Praça pelos skatistas, para conhecermos como surgiu o processo de dominação desse território e pedaço por eles e como são criadas medidas de controle sobre os conflitos nesse espaço.

5. OS SKATISTAS: TERRITÓRIOS E CONFLITOS.

A seguir apresento as dinâmicas do território da Praça Mané Garrincha pelos skatistas e como o conflito se iniciou a partir do processo de territorialização da mesma, buscando posteriormente compreender as dinâmicas que regulam esses conflitos nesse espaço e entender como a prática se desenvolveu na cidade de Imperatriz/MA, não só foquei em analisar e pensar nos conflitos, como também entender as formas de lazer e sociabilidade.

5.1 - Territórios na Praça Mané Garrincha

Compreendem-se os skatistas da Praça Mané Garrincha como uma comunidade que contém em um pequeno espaço todos os elementos que constituem a vida dentro de um corpo social: interações (em muitos casos por meio de códigos próprios), regras, comportamentos, visões de mundo, crenças, todas voltadas para uma mesma realidade, existente sobre a pista de skate. Trata-se de um ambiente que, além do que foi supracitado é composto por regras que servem para amenizar os conflitos, formando assim os skatistas independentemente do que estes representam, fora da pista, um só composto de indivíduos, ou seja, uma comunidade.

Podemos assim analisar conforme Haesbaert (2004), que por isso, toda relação de poder espacialmente medida é também produtora de identidade, pois controla, distingue e separa, e ao separar, de alguma forma nomeia e classifica os indivíduos e os grupos sociais. A relação de práticas e tempo nesse espaço de poder é vista como distintiva entre os indivíduos no grupo, e assim o grupo mais antigo se distingue do novo e até o classifica. “E vice-versa: Todo processo de identificação social é também uma relação política, acionada como estratégia em momentos de conflito e/ou negociação [...]” (HAESBAERT, 2004 p. 89).

Quando um indivíduo chega diante de outros, suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar, ou seja, eu enquanto observador começo a praticar skate, serei visto como um skatista, mesmo que eu às vezes use dessa arte como estratégia para me aproximar do grupo, expressando-me como eles (os skatistas), somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que me interessa obter.

Enquanto meu processo inicial de inserção a campo não consegui chamar a atenção dos skatista de forma direta, em um dia na qual cheguei mais uma amiga skatista e comecei a tentar andar de skate, logo alguns vieram me cumprimentar e deram até dicas e métodos que me levassem a aprender andar. Quando viram que eu não sabia andar e demonstrava persistência em aprender ou quando eu conseguia me equilibrar e movimentar-me, alguns até me aplaudiam.

O território vai assumir uma ambiguidade de significados, assim como a praça pode ser vista para quem a ocupa e vive dentro da trama social do espaço da mesma como um local para a prática de esportes radicais, lazer, competição, para quem está fora pode vê-la como local propício a quem não têm objetivos na vida, pessoas que não trabalham ou não querem fazer nada, um lugar peculiar que desperta curiosidade, surpresa, admiração. Ou seja, a praça pode ter vários significados internos e externos, para quem a ajudou criá-la ou participou do processo de ocupação num sentido histórico, ela não pode ter o mesmo significado para o recém-chegado que dela usufrui.

5.2 - O Princípio do Conflito: Skate Em Imperatriz.

Com base em Olic (2010), O skate possui basicamente quatro principais modalidades, que são o downhill, o vertical, o street e o Freestyle. Atualmente, dentre as quatro categorias, o street é a mais popular tanto no Brasil como no mundo todo. Em Imperatriz não é diferente, em entrevista com skatistas mais antigos da cidade¹¹ e considerados percussores dessa prática do skate local¹², relatam¹³ que o Skate surge inicialmente a partir do “Street Skate” nas ruas de Imperatriz a partir dos anos 90.

Em Imperatriz antes de 1997¹⁴ não existia um local próprio para a prática de Skate, conforme o skatista Passarinho (2017),¹⁵ eles andavam corriqueiramente na rua, todavia, já gostavam de se deslocar para a Praça Mané Garrincha, onde segundo o mesmo:

¹¹ Os Skatistas entrevistados têm idades entre 16 a 50 anos.

¹² Muitos dos praticantes jovens em suas falas nas entrevistas ou conversas afins se referiam aos Skatistas mais velhos como seus professores, percussores e influenciadores da prática na cidade.

¹³ Foram entrevistados 12 skatistas, além das conversas indiretas e vivência tida junto a eles dentro da pista.

¹⁴ Dados obtidos a partir de análise documental do “Jornal Capital” impresso em 12 de outubro de 1997, sendo o mesmo um dos meios de notícias midiáticas na cidade de Imperatriz nesse tempo.

¹⁵ Passarinho é considerado por muitos Skatistas da Praça Mané Garrincha como um professor de muitos garotos que iniciaram no Skate após ele, o mesmo têm 29 anos de idade e pratica Skate há quase 20 anos.

A praça... Era muito engraçado, aqui era a área de vivência, aqui era a área de recreio da galera do SENAC, aí... A gente andava muito era na rua, por que aqui antes não tinha nada era só um espaço livre aqui, monte de gente caminhando aqui ao redor.... Entendeu? (PASSARINHO, ENTREVISTA EM MARÇO DE 2017).

Sendo assim, segundo Passarinho (2017), juntou-se ele a Odierio e alguns meninos e a “galera” que antigamente às vezes andava na praça, e começaram a colocar uns “corrimãozinhos” no meio da Praça, para que os mesmos pudessem andar e praticar manobras no local. Essa falta de locais para prática de Skate na cidade pode ser assim um fator para o surgimento primeiramente do Skate de Rua, que com base em Olic (2010), isto pode ocorrer pela comunhão de dois motivos; o primeiro é que em comparação com as outras modalidades, no street a aprendizagem é considerada “mais fácil”, mas vê-se que Imperatriz está ligado ao segundo motivo apresentado pelo autor, que se deve a facilidade de acesso ao terreno, que são ruas, calçadas, escadas, bancos, corrimãos e outros obstáculos urbanos, devido à falta de uma pista antes.

Quando observarmos o fato de ocuparem a praça e inserirem objetos para prática de skate num local onde era vazio e não utilizado sempre, percebemos já um processo de territorialidades, isto é, construção de território, onde ocorre uma apropriação pelos Skatistas para que o local passe a tornasse um ponto de encontro e sirva como utilização para prática do Skate. Todavia, esse processo de ocupação não foi harmonioso, com base em Passarinho (2017), quando eles se destinavam a ocupar a praça, a polícia os mandava ir embora e às vezes os prendiam,... Até que depois de certo tempo, conseguiram que as “autoridades liberassem esse espaço diretamente para a prática de esportes radicais, não só para o skate, mais pra outros tipos de prática de esportes radicais...”, onde continuando ele, relata que “o povo antigamente, antigamente não, por que hoje na tem gente que tem o pensamento, é... travado, em dizer que o skate é coisa de vagabundo, coisa de vândalo...”.

A praça até se tornar como hoje está, ou seja, apta e com rampas para prática de Skate além de atender outras modalidades de esportes, passou por um longo período de construção e conflitos antes de 2000, com base em Passarinho (2017) e outros skatistas, a praça foi construída a partir da autorização de ocupação desse espaço dito ainda vazio e pelos skatistas, onde:

Cara nós começamos desde que já liberou pra nós aqui, nos já começamos a botar rampa, a gente fazia de madeira, fazia de...

Concreto, mais aí prefeitura não deixava colocar de concreto, aí mandava demolir, no tem? (ENTREVISTA EM MARÇO DE 2017).

Após a prefeitura liberar o espaço, até então a praça não podia ser modificada, e foi construída, à frente apenas uma mini rampa para os skatistas no local. Após minha procura de arquivos históricos acerca da construção da Praça Mané Garrincha, não encontrei arquivos que comprovem o ano exato de seu surgimento, apenas informações de que a mesma surgiu após 1970, depois do surgimento da Praça de Fátima, Praça da Cultura, Praça Tiradentes.

Em pesquisas a documentos físicos e virtuais, foi encontrada a seguinte notícia: “Praça Mané Garrincha Será entregue hoje a População”, em um jornal antigo digitalizado tendo por nome “Jornal Capital”, a notícia se refere a uma reinauguração da Praça que ocorreria no dia 12 de outubro de 1997, abaixo vemos uma imagem do jornal Impresso.

Imagem II – Jornal Capital



(Screenshot do Jornal Capital de 12 de outubro de 1997)

O seguinte Jornal Capital (1997) descrevia:

Todas as áreas esportivas da nova Praça Mané Garrincha foram concluídas, quinta-feira (10), pela Secretaria da Infraestrutura (Sinfra). Hoje, serão feitos apenas os acabamentos. A reinauguração está confirmada para hoje, às 8 horas da manhã, com a presença do prefeito Ildon Marques. Com aproximadamente 7.500 metros quadrados, a Praça Mané Garrincha é o segundo maior poliesportivo do País (sic)¹⁶. Nela constam pista de patinação, rampa para skate, quadras de vôlei e de futebol de areia e outra, polivalente, para as

¹⁶ Pesquisei na internet e não encontrei nem uma informação que comprove essa afirmação contida na manchete do site.

práticas de voleibol, futebol de salão, handebol e basquetebol. Ontem foram feitos os serviços de limpeza pública, que também são executados pela Sinfra (p. 1-8).

A manchete nos declara que somente a partir de outubro de 1997 é que a praça começa a receber espaços esportivos, onde nesse tempo o Prefeito era Ildon Marques,¹⁷ então até antes era apenas um espaço vazio e de vivência e quando correlacionamos a manchete com o relato de Passarinho (2017), vemos algo em comum porque o mesmo relata que a conquista de uma rampa de skate na praça foi com o Davi Alves Silva¹⁸ junto ao Ildon Marques, onde os skatistas conseguiram uma mini harper, e segundo ele apontando para a pequena rampa no momento de fala, declara que:

...a mais antiga daqui é aquela mini Harper ali, ai conseguimos aquela rampa, e que deixasse colocar um corrimão no meio da praça, assim, sem eles viessem arrancar, ai começou o skate começou a fluir, o skate, bike, patins, a gente fazia as rampas de madeira e colocava ai, até os vândalos vim tocar fogo nos ficava um tempo ainda ai, ai povo vinha e tocava fogo depois (ENTREVISTA EM MARÇO DE 2017).

Apesar da conquista de espaço na praça, os skatistas até então só tinham uma “mini harper”, onde observamos no Jornal Capital (1997), quando ele anuncia as apresentações de abertura, “diferentes modalidades, acontecerão no local, a exemplo de futebol de salão, handebol, voleibol e futebol de areia, além de recreações infantis, sorteios de bolas e bonecas, apresentações de Skate (categoria *mini-ramp*”).

Os skatistas necessitavam de mais espaço, rampas e obstáculos, então houve essa persistência e necessidade de querer adicionar e modificar o espaço da praça, apesar mesmo da prefeitura demolir construções que eles faziam de concreto e até mesmo vândalos, vizinhos, prefeitura e policia tocarem fogo nas rampas de madeira que eles inseriam no local, muitos deles relatam que levavam as rampas e montavam, logo depois voltavam com elas para casa, quando os mesmos se referiam a estruturas de madeira, porque quando montavam algo maior e fixo, quando chegavam ao outro dia já estavam queimada.

Todavia, nesse processo de resistência relatavam que o Skate começava a fluir no local, apareciam mais praticantes e o povo não tinha mais medo de ocupar o espaço, após todos esses conflitos o skate em 2012 já não é algo rejeitado e começa a inserir

¹⁷ Segundo dados do Wikipédia (2018), o mesmo possui 72 anos e foi prefeito de Imperatriz do dia 01 de janeiro de 1977 até 01 de janeiro de 2001.

¹⁸ Nascido em 1951 e assassinado em 1998, foi deputado federal do Maranhão de 1995 a 1998.

rampas e obstáculos criados pelos próprios Skatistas, além da Secretária de Esporte e Lazer promover em novembro de 2012 o torneio de skate “Campeonato Rei do Nordeste de Skate”¹⁹, ou seja, já vemos nesse processo uma adesão e auxílio para com a prática do skate de órgãos ligados a prefeitura de Imperatriz.

Em 2016 têm-se um grande avanço na área de Skate da Praça Mané Garrincha, segundo o Site Maranhão Esportes (2016), em março o “Governo do Estado amplia Skate Parking da Praça Mané Garrincha em Imperatriz”²⁰, elaborado a partir de sugestões dos skatistas que frequentam o local, o projeto contemplou a construção de novos espaços – como semibowl, mini half e caixote, apresentado o propósito de estimular a prática esportiva. Segundo a fala de Claudio (2017), nesse período de construção e reforma o Estado construiu uma pista inadequada e perigosa, logo eles reclamaram e pediram que fosse reconstruído, prontamente o Estado veio e reconstruiu a pista novamente.

Muitos dos Skatista associam essa visibilidade e atenção para com eles após a repercussão da skatista Rayssa Leal conhecida como Fadinha do Skate em âmbito mundial, natural de Imperatriz, e com apenas sete anos, têm seus vídeos praticando skate viralizados nas redes sociais a partir de 2015, sendo até apresentada nacionalmente em um programa de esportes da TV Globo, onde sua relação e desenvolvimento com o Skate trouxeram admiração de muitas pessoas, como Skatistas aclamados mundialmente e da mídia, logo, os órgãos públicos tiveram um novo olhar em relação à prática de skate na cidade e procuraram dar mais assistência.

Após uma reforma do complexo esportivo Barjonas Lobão, popularmente conhecido como Fiqueninho, o local é reaberto no fim de janeiro de 2017, contando assim, com uma pequena estrutura para praticar Skate, contando com uma mini rampa, sendo assim, a Praça Mané Garrincha não é mais o único lugar para prática de Skate em rampas na cidade, apesar da mesma ser ainda a maior.

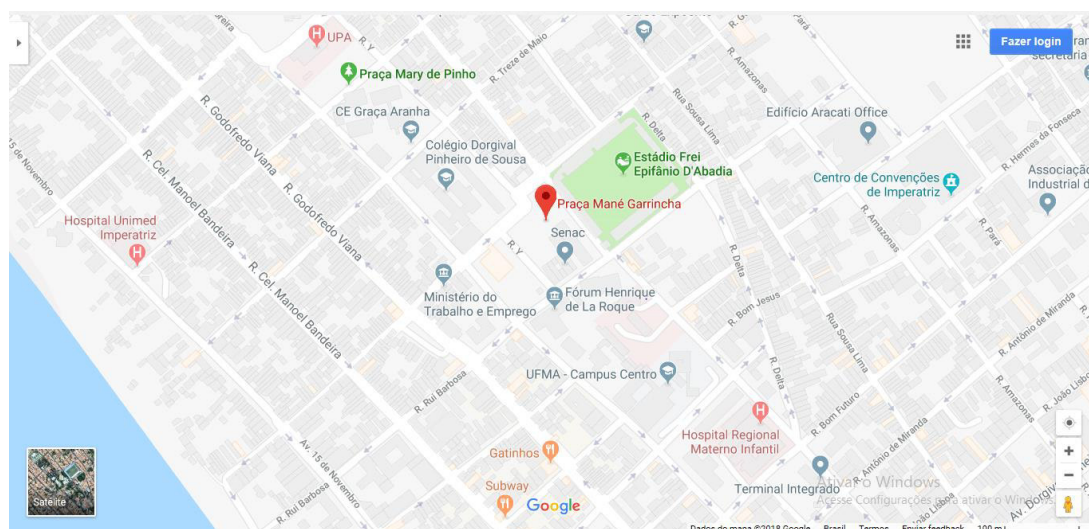
¹⁹ Informações obtidas a partir do Site: Oprogressonet.com, 24/11/2012. Acessado em quatro de agosto de 2010.

²⁰ Informações obtidas a partir do Site: maranhaoesportes.com, 02/03/2016. Acessado em quatro de agosto de 2010.

5.3 - Territorialidades e Espaços em Conflitos na Praça Mané Garrincha

Com base em Haesbaert (2004), a sociedade e o espaço são dimensões gêmeas. Não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inserí-los num determinado contexto geográfico, ou seja, “territorial”. A Praça Mané Garrincha como vemos na **Imagem – III** está inserida em um espaço próximo a vários órgãos públicos, sendo eles o Estádio Frei Epifânio da Baldia, onde muitas das vezes os skatistas usam o local para trocar de roupa e beber água devido aos bebedouros e banheiros, próximos a Receita Federal, ao Fórum, Restaurante Popular e, sobretudo da Terminal Integrado, onde o mesmo facilita a locomoção de vários skatista que moram em bairros distantes ou até em outras cidades próximas.²¹

Imagem III – Redores da Praça Mané Garrincha



Fonte (Googleearth, 2018).

O território não se define somente pelo espaço físico e material, que com base em Haesbaert (2004), embora muitos materialistas, em especial os mais tecnicistas, possam simplificar o território como base espaço-material, onde afirmam que sobre este é que se reproduz a sociedade, outros, notadamente muitos materialistas dialéticos, dirão que o território é antes de tudo, um conjunto de relações sociais.

²¹ Sendo elas: João Lisboa, Senador La Roque, Bananal, Governador Edison Lobão, Davinópolis, Cidelândia e etc..... Com base nas minhas conversas indiretas com as mesmas.

As relações sociais dos skatistas entre eles e com outras “tribos”²² desenham o território em que estes se formam, e conforme observamos definirão como serão as relações de conflitos entre eles mesmos e as outras tribos, havendo também entre os skatistas e o poder público, essa boa relação analisando as falas e convivência com eles se dá pelos aspectos de identificação e gostos iguais, seja o fato de gostarem de rock, hip-hop, participarem de eventos juntos, ou mesmo praticarem ou já terem praticado outros esportes radicais como patins, bicicross e etc... O grupo dos grafiteiros também mantém uma relação com skate desde amigáveis e o processo de construção da estética e visual da praça como forma de mostrar símbolos relacionados aos skatistas, com marcas e imagens, além de trazer símbolos de outras culturas como a do Hip Hop, na **Imagem IV**, do Punk como observamos na **Imagem V**.

Imagem IV – Grafite Relacionada Ao Hip Hop



Fonte: Lira, 2016

²² Termo bastante usado por eles em conversas e entrevistas. Servindo para definir os diferentes grupos que habitam o local, desde patins, rock, bicicross, skate e etc....

Imagem V – Grafite Relacionado ao Punk

Fonte: Lira, 2016

Em três dos campeonatos que eu participei como platéia era possível observar detalhadamente essa relação social deles em seus momentos de interações, onde tocava rock, hip hop e danças de ruas para entretenimento, geralmente esses campeonatos organizados por skatistas, mas que contam com competições dos patins e outras modalidades.

Conforme Haesbaert (2004 pag. 86) O uso da territorialidade “depende de quem está influenciando e controlando quem, e dos contextos geográficos de lugar, espaço e tempo”. Ou seja, o fato da praça possuir rampas de skate, propriamente já as faz de domínio dos skatistas, por ela possuir estruturas e símbolos referentes a essa prática. Todavia, os skatistas permitem a prática de outras modalidades de esporte nas rampas por outras “tribos”, tentando evitarem conflitos com essas outras tribos dentro do território, enquanto ambos as usarem, através de acordos.

O próprio contexto geográfico material e físico influencia na dominação por serem as rampas espaços dos skatistas, mas, conforme percebemos o tempo histórico

também é determinante para que diga que as rampas são dos skatistas, devido os mesmos terem conquistado o espaço em 1997.

Na praça, também ocorre eventos festivos relacionados à cultura do rock e hip hop, como shows e apresentações de danças e bandas, onde muitos skatistas se fazem presentes no local com outras “tribos”.

...se o território hoje, mais do que nunca, é também movimento, ritmo, fluxo, rede, não se trata de um movimento qualquer, ou de um movimento de feições meramente funcionais: ele é também um movimento dotado de significado, de expressividade, isto é, que tem um significado determinado para quem o constrói e/ou para quem dele usufrui (HAESBAERT, 2004p. 281).

A Praça Mané Garrincha traz esse significado de resistência e luta para os skatistas que participaram da formação desta, igualmente para aqueles que iniciaram a prática o skate em Imperatriz. Quando pergunto aos skatistas mais antigos sobre a praça os mesmos pensam e relatam isso, um espaço deles que passou por vários conflitos para se torna skatável e deles, e quando me destino aos mais jovens muitos se referem ao local como segunda casa, um lugar onde eles podem ser livres e se aventurarem, mas, também associam o sentimento de posse do local há acontecimentos recentes como a propagação de Rayssa Leal na mídia e ampliação da praça devido aos olhares da mídia voltados para esta, a partir de 2015.

A praça não está isenta de conflitos desde o processo de territorialização pelos skatistas em 1997 e até nos processos de socialização entre tribos dentro do espaço atualmente, por isso os skatistas como “donos do pedaço” têm regras dentro desses espaços para diminuir os conflitos, são elas: os bicicross evitarem andar no momento que têm muitos skatistas na pista, principalmente crianças devido ao perigo que estarão expostas. Nesse sentido, o pessoal do bicicross faz acordo com os skatistas de usar só uma pista ao lado para não atrapalhar e nem colocar crianças em riscos.

Às vezes dão certo, mas já observei casos de brigas entre pais de filhos skatistas com o pessoal do bicicross, pedindo que os mesmos saiam da pista, devido aos seus filhos skatistas correr riscos, por ainda serem crianças e estarem aprendendo, logo, alguns do bicicross saem e depois voltam como se nada tivesse acontecido e o conflito permanece, porque os próprios skatistas insistem para eles irem para outro lugar, ou seja, vemos uma defesa do grupo skatista com o seu território e grupo.

Com o pessoal dos patins é mais calmo, todavia, a questão de os patinadores serem mais velozes e terem manobras de alta altitude provocam certos receios nos skatistas, o conflito se dá em acordos de distâncias e evitarem chegar perto um do outro para não se porem em riscos, e quando a pista está cheia de patinadores e skatistas, ficam fazendo rodízios de voltas, ou seja, um vai e usa a pista e depois passa a vez para o outro.

“Está-se entre iguais, nesses lugares: o território é claramente delimitado por marcas exclusivas. O componente espacial do pedaço, ainda que inserido num equipamento ou lugar de amplo acesso, não comporta ambigüidades porque está impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica [...]” (MAGNANI, 1996 p. 39).

E essa dominação dos skatistas se dá desde as formas de apropriação por estes em 1997, que faz as pistas de esportes radicais serem deles, até pelo fato de que corrimões e muitos dos obstáculos são específicos para a prática do skate, e esse aspecto simbólico e material representado na **Imagem VI** e **Imagem VII** nos mostra como é dividido e estruturalmente formado as rampas de skate.

Imagem VI– Rampas de Skate Maiores



Fonte: Lira, 2016

Imagem VII – Rampas de Skate Menores



Fonte: Lira, 2016

O fato comum de algumas tribos praticarem esporte sobre rodas os faz estar entre iguais, todavia o território é claramente delimitado por marcas exclusivas como vemos nas **Imagens VI e VII**, marcas essas que representam o território dos skatistas e assim lhes dá o poder de impor as regras sobre as outras tribos (patins, bicicross, grafite e etc.) por ser um espaço deles. Há regras até dentro da própria tribo skatista, geralmente quando têm skatistas mais avançados na prática dentro das rampas eles recomendam que os iniciantes e amadores usem a pista da **Imagem VII** ou espaços retos da **Imagem VI**, porque nesse momento os skatistas mais desenvolvidos na prática procuram usar rampas por serem mais difíceis e facilitarem manobras mais arriscadas, sendo assim, um iniciante que só sabe remar ocupando o espaço das rampas irá atrapalhar os mais antigos. Segundo Bourdieu (1983):

...o campo, qualquer que seja se configura através de regras e códigos próprios, onde os atores sociais estão dispostos, de maneira influente ou influenciados, nas disputas de poder deste campo, seja pelo aspecto material ou pelo simbólico. Conforme o autor, “para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanes do jogo, dos objetos de disputas, etc.” (BOURDIEU, 1983, p. 89)[...]” In (PEREIRA, 2015 p. 80).

As regras e códigos próprios são nítidos implantados pelos skatistas, onde se legitima com o tempo histórico, aspecto material ou pelo simbólico, geralmente esse domínio é exercido pelos skatistas mais antigos que conquistaram a praça e as rampas. Sendo assim, percebe-se que os skatistas mais novos e outras tribos têm um grande respeito e admiração por estes.

Com base em Haesbaert (2004) todos os que vivem dentro de seus limites, ou seja, o fato dos skatistas ocuparem o mesmo espaço e manterem relações sociais dentro deste, tendem assim, em determinado sentido, a ser vistos como “iguais”, ou seja, os skatistas junto com patinadores, bicicross e etc., por partilharem das rampas da Praça Mané Garrincha são vistos como esportistas que usam as rodas, tanto pelo fato de estar subordinado a um mesmo tipo de controle (interno ao território) quanto pela relação de diferença que vemos no processo de dominação dos skatistas sobre as outras tribos, que de alguma forma, se estabelece entre os que se encontram fora de seus limites também.

Por isso, toda relação de poder espacialmente medida é também produtora de identidade, pois controla, distingue, separa e, ao separar, de alguma forma nomeia e classifica os indivíduos e os grupos sociais. E vice-versa: Todo processo de identificação social é também uma relação política, acionada como estratégia em momentos de conflito e/ou negociação (HAESBAERT, 2004 p. 89).

Essa relação de poder exercida pelos skatistas os afirmar como grupo que possui uma identidade em comum, onde também os que se subordinam a essa autoridade se encontram como grupos diferentes por não serem detentores das regras e nem das práticas em comum, vemos nisso uma relação política porque os grupos (patins, bicicross e grafite) se subordinam as regras dos skatistas, mesmo que através de uma negociação, porque entendem aquele espaço como sendo um território dos skatistas, essa dominação pelos skatistas, os dá o direito de gerenciar os conflitos que surgem no local.

De qualquer forma, uma noção de território que despreze sua dimensão simbólica, mesmo entre aquelas que enfatizam seu caráter eminentemente político, está fadada a compreender apenas uma parte dos complexos meandros dos laços entre espaço e poder (HAESBAERT, 2004 p. 93).

Por isso não podemos descartar os aspectos materiais e simbólicos pertencentes aos skatistas da praça, como apresentados acima, até porque eles estão ligados a essa relação de espaço e poder, não é só uma estratégia de dominação política, mas que parte de um contexto histórico, sentimento de pertencimento e de posse do território pelos skatistas.

O poder não pode de maneira alguma ficar restrito a uma leitura materialista, como se pudesse ser devidamente localizado e “objetificado”. Num sentido também aqui relacional o poder como relação, e não como coisa a qual possuímos ou da qual somos expropriados, envolve não apenas as relações sociais concretas, mas também as representações que elas veiculam e, de certa forma, também produzem. Assim, não há como separar o poder político num sentido mais estrito e o poder simbólico (HAESBAERT, 2004 p. 93).

Outras questões de conflitos que recaem sobre os skatistas é a visão de serem sujeitos marginais para outras comunidades, como os skatistas eles relatam, todavia, não entraremos tanto em questão porque com base em Oliven (2007) a marginalidade, entretanto, não pode ser considerada auto explicável, pois sua razão de ser, se encontra em processos e estruturas que não devem ser confundidos com as situações nas quais ela se manifesta.

5.4 - Desenvolvimentos do skate em Imperatriz

Para compreendermos o skate nesse âmbito mais nacional e global partimos de Pereira (2015), onde segundo o mesmo o skate teve sua construção histórica rica em aspectos culturais.

Passou de brincadeira, a estilo de vida juvenil, contestador, artístico; (...) desenvolvendo outra forma de se relacionar com o ambiente urbano e com o corpo; constituiu através dos anos seu nicho próprio na mídia com a veiculação de notícias, propagandas de materiais, marcas e lojas especializadas; e tem buscado se estabelecer enquanto esporte, profissionalizando skatistas, tornando os atletas – fato que não encontra unanimidade entre os praticantes [...] (PEREIRA, 2015 p. 81).

E em imperatriz não foi diferente, a prática antigamente era bem marginalizado, e sofria processos de repressões, não sendo bem aceito pela comunidade e pelos próprios familiares dos praticantes de skate, como afirmam muitos dos skatista da Praça Mané Garrincha, não tendo também um espaço na mídia e não vista com bons olhares, no que cerne a ser uma prática ligada ao lazer e algo que poderia ser investido pelo poder público, no que se refere a apoio financeiro e logístico. Segundo Bryan (2017),²³

...depois que a Rayssa começou a andar de skate, que ela foi pra fora conseguiu junto com os pais dela transformar a pista no que ela é hoje, ela recebeu apoio dos skatistas e da mídia nacional que ela foi para a globo e todos os olhares ficaram aqui pra ela em forma de marketing e ajudou muito... Desde que ela começou que teve um vídeo compartilhado na internet e teve mais de seis milhões de visualizações, inclusive grandes nomes do skate como Tony Hawk²⁴ viram e curtiram o vídeo dela e fez uma repercussão (ENTREVISTA EM MAIO DE 2017).

Ou seja, depois que o skate de Imperatriz se tornou visíveis através da mídia, novos olhares foram atraídos para prática do skate em Imperatriz e assim foram ampliados alguns espaços, e até surgiu outros novos como no Complexo Barjonas Lobão (Fiqueninho), ou seja, a mídia teve um poder de influenciar na visão que a comunidade tinha sobre prática do skate em Imperatriz, o marketing foi assim um fator

²³ Bryan é um rapaz de 19 anos de idade que pratica skate a quase 5 anos na Praça Mané Garrincha.

²⁴ Skatistas nascido nos Estados Unidos, sendo famoso e bastante aclamado pela mídia por se sair bem na pratica do skate na modalidade vertical, o mesmo têm 50 anos de idade.

que influenciou na ampliação e processo de disseminação e aceitação da prática, assim, como ocorreu em outros ambientes numa visão global e nacional.

Sendo assim, com base em Pereira (2015), vimos que a onda skatista dos anos 1960-70 nos Estados Unidos, e posteriormente no Brasil, atingiu não somente a postura e a mentalidade dos jovens praticantes, bem como movimentou o mercado, a mídia e o Estado. Igualmente em Imperatriz, tanto que a reforma e a construção das rampas que hoje temos na Praça Mané Garrincha foram construídas pelo poder público, onde após isso surgiu muitos outros skatistas novatos na praça e muitos jovens começaram a vir de bairros distantes frequentarem o local.

Além disso, após a visibilidade de Rayssa Leal muitos sites hoje em dia fazem cobertura dos campeonatos e a mídia televisiva ²⁵sempre está presente fazendo alguma reportagem ou manchete, algo que desde 1997 não era comum, podemos verificar isso procurando arquivos na internet, onde a maioria das publicações de sites que falam sobre o skate em Imperatriz é a partir de 2015, o mesmo ano em que Rayssa Leal ganhou fama na internet.

Vemos assim em Imperatriz e de maneira global com base em Pereira (2015), a mídia e o Estado, este último tendo que se mobilizar para atender o número crescente de praticantes que ocupavam as ruas e praças das cidades, construindo espaços voltados para a prática do skate.

5.5 Lazer e Sociabilidade

Com base em Silva (2017), O skate pode ser interpretado como um estilo de vida, um exercício de ressignificação dos espaços da cidade ou como um esporte, dentre outras interpretações possíveis. E quando busquei analisar como os skatistas da Praça interpretam o skate e as práticas do skate, em suas falas muitos apontam o mesmo como estilo de vida e esporte.

Na fala de Carioca (2017),²⁶ este declara:

É que nem te falei por que é o seguinte ele entra em minha cultura, mexe com desenho, com Hip Hop, grafite, entendeu? Gosto de esportes radicais, estilo de vida, por que na verdade pow hoje em dia o skate não é só esporte é um estilo de vida, entendeu? Quem tem

²⁵ Sendo elas uma das principais a Mirante filiada da rede globo.

²⁶ O mesmo têm 30 anos de idade e prática skate a dez anos na Praça Mané Garrincha, porém, já praticou diferentes esportes radicais a partir dos 13 anos, como por exemplo, patins e bicicross.

amor, que curte, quem ama, sabe que tem toda uma cultura por trás disso.... Entendeu? Apesar de existir várias tribos dentro do esporte, mais tudo é uma coisa só.... Entendeu? Mais ou menos isso aí pow (ENTREVISTA EM MARÇO DE 2017).

Outros também pensam no skate como oportunidade de tirar as crianças do crime, como declara Passarinho (2017),

...muita gente que não conhecia e criticava o esporte e tal, até que conhecer mesmo e ver que aquilo era diferente da nossa vida que andar de skate não era só um esporte, na verdade estava se tornando nosso estilo de vida né... Que abdicamos de tudo, quantas crianças ai e moleque que nos encontramos no meio do tráfico, no crime ai que hoje anda de skate e é anda bem de skate, e não pratica nenhum crime, tem uma vida sossegada, saudável, trabalha, estuda, tá entendeu... Então o skate tá pra isso para conscientizar essa juventude ai nova que não sabe como é as coisas e aprendeu como é a vida no broklyn entendeu... Como é a vida no gueto é difícil (ENTREVISTA EM MARÇO DE 2017).

Com base em Silva (2017) a sociabilidade está relacionada aos modos com os quais os indivíduos se relacionam em sociedade, quando as pessoas compartilham interesses em comum, emoções, gostos, com outro alguém. Os skatistas têm prazer em declarar que estão felizes com a abrangência e visibilidade do skate em Imperatriz e estão com objetivo de alcançar mais espaço, há interesse mutuo em trazerem mais pessoas e percebe-se a felicidade na fala dos mais antigos quando falam de crianças que eles mesmos ensinaram e hoje estão viajando e se classificando bem nos campeonatos em outras cidades e Estados. Rayssa Leal de 10 anos e Thiago de 12 anos são bastante citados nas conversas e entrevistas, são estas duas crianças que segundo eles conquistam cada vez mais prêmios e estão evoluindo.

O interesse, dos skatistas é divertir-se e assim liberar todas as emoções através da prática do skate, onde isso supera qualquer desavença e luta por espaço, às vezes quando alguém deles é escalado para um campeonato de grande visibilidade se unem para fazer “vaquinha” ou outros meios de conseguirem dinheiro para mandarem a pessoa, outros casos quando todos resolvem ir juntos fretam um ônibus para viajar, onde estes juntos fazem “vaquinha” também. “Nesse sentido, é possível afirmar que códigos culturais podem ser compartilhados e criados entre pessoas em processo de interação e sociabilidade.” (SILVA, 2017 p. 10).

Bowl, skate de rua, vertical, freestyle, downhill, são alguns exemplos de modalidades. A prática inicial e mais popular é o skate de rua, que,

além das ruas, é praticado também nas praças e espaços das cidades que os skatistas imaginem e considerem possíveis para a realização de manobras. As relações do skate na cidade com os usos culturais de espaços urbanos foram se alterando, criando e refletindo novas maneiras de ver, pensar, e significar a cidade para os skatistas (SILVA, 2017 p. 10).

O skate de Rua em Imperatriz também é o mais popular na cidade desde o período de surgimento de tal prática (1997), onde manteve essas relações na cidade com usos culturais de espaços urbanos, onde os skatistas daqui viam alguns locais da cidade como “picos” para a prática do skate, conforme vemos na fala de Passarinho (2017),

...o street né que é uma parte do skate que não pode morrer né, ele é o berço do skate o street na rua, então geralmente a galera gosta de se reunir no final de semana, sábado de manhã e sair na rua mesmo como antigamente pulando calçada, deslizando em escadaria em corrimão, sendo expulso pela velhinha da calçada, como sempre, ainda hoje a galera pratica, tipo a galera gosta muito disso, vai andando na cidade ai, vamos supor tem uma obra ali o cara botou uma escadaria à galera já olha ali, já é um pico a galera já vê aquilo ali, já começa os comentários olha saiu ali uma escadaria nova em lugar tal, tal... Agente deveria ir lá tirar umas imagens, assim que saiu os streets a galera vai saindo vai conhecendo lugares diferentes, intimatos para ir para outra cidade também (ENTREVISTA EM MARÇO DE 2017).

Com base em José Magnani (2005), Pereira (2015) aponta que a ideia de espaço público nos leva à distinção, necessária, entre convivência e sociabilidade. Ou seja, ao pensar os sujeitos que habitam a Praça Mané Garrincha, o fato de skatista conviverem com outros grupos como dos patins, transeutes, bicicross me leva a pensar que a convivência deles não indica propriamente uma sociabilidade.

Esses fatos observam nos alunos do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), transeutes e observadores os mesmos quase não têm comunicação com os skatistas, são apenas sujeitos que em momentos vagos ficam no local para conversar, comprar alimentos nos quiosques, observar ou apenas para se locomover. E com base em Pereira (2015), a convivência é a relação cotidiana, mas não implica obrigatoriamente em comunicação, ou sequer conhecimento.

No espaço público da Praça, desconhecidos convivem. Sendo assim, mesmo se tratando de grupos ou pessoas que se conhecem, a convivência não gera obrigatoriamente laços mais íntimos, diferente do que ocorre com o skatista para os skatistas e deles com outros grupos como o dos patinadores, bicicross, punk, grafite e entre outros que usam as rampas, no qual já conseguimos ver mais laços íntimos até

pelo fato de relatarem que o lazer deles em coletivo não só ocorre nesse espaço, mas transpassa, seja pelos interesses em comum dos mesmos ou o estilo de vida que se reconhecem.

A sociabilidade implica em estreitamento de laços. Indivíduos numa relação de sociabilidade têm algum tipo de identificação comum, algo que os une além do mero fato de frequentarem os mesmos espaços. Sociabilidade é o laço comum: são indivíduos que, se conhecendo e reconhecendo, constituem-se enquanto grupo [...] (PEREIRA, 2015 pag. 93).

E o fato em comum que liga os skatistas a alguns grupos que usam o local é de que os mesmos estarem usando a rampa para praticarem esportes sobre rodas, sendo assim, um local que se adéqua a eles, isso gera uma identificação de necessidade, pertencimento e reconhecimento no esporte radical sobre rodas, mesmo que seja uma sociabilidade coerciva, devido terem o mesmo espaço para compartilharem e não havendo outra alternativa em questão, além do fato de o local ser adequado as suas práticas, então se sentem coagidos a entrarem em acordos para usarem esse espaço, sendo outro motivo da sociabilidade dos skatistas o próprio fato de participarem de campeonatos onde às vezes tem que viajem juntos no que envolvem as modalidades de esportes radicais com rodas (patins, bicicross e skate), a música que toca e os tipos de roupas que usam nas quais são as mesmas usadas pelo movimento punk e do Hip Hop.

O Hip Hop é bem presente por trazer causas sociais em suas letras, e é praticado por um grupo de garotos que participam de batalhas de rimas na Praça Mané Garrincha. Os skatistas também visam a prática do skate como forma socializadora, na qual levará a criança a procurar outros modos de vida que não seja envolvido com tráfico ou roubos, assim, como o grupo do Hip Hop pensa o mesmo, na qual objetiva a música como forma de escape e busca de alternativas de vida legal, além do fato que ambos skatistas e o pessoal do Hip Hop gostarem de roupas em comum, das músicas ou até transitarem entre ambos os grupos.

Em campeonatos ou eventos de música Hip Hop é notável a presença do grupo skatistas e do Hip Hop, assim como, em eventos de dança Freestyle, os três grupos Skatistas, Freestyle e Hip Hop estão sempre nessa conexão, campeonato e eventos culturais. Os grupos de dança Freestyle geralmente se apresentam na abertura dos

campeonatos ou em momentos de pausa para tomadas/chamadas, enquanto o grupo de Hip Hop faz as rimas e o som para os mesmos dançarem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As categorias Território e Espaço de Rogério Haesbaert (2004) e Pedaco de Magnani (1996), foram necessárias para compreender como se formam as relações sociais na Praça Mané Garrincha e compreender como é realizado o processo de territorialização desse espaço pela comunidade dos skatistas, desde seus processos de dominação e de ocupação.

As relações sociais dos skatistas na Praça Mané Garrincha são mediadas por conflitos históricos externos e conflitos atuais mais internos. Seriam esses os conflitos históricos, externos o processo de territorialização da Praça Mané Garrincha pelos skatistas em 1997, no qual houve uma resistência das comunidades próximas da praça, do poder público, prefeitura e polícia em aceitar que os skatistas ocupassem a praça e inserissem equipamentos para criar obstáculos para praticarem manobras nesse espaço. Os conflitos internos já são causados pela relação entre os próprios skatistas quanto ao uso do espaço pelos skatistas experientes, inexperientes e avançados na prática e entre outras tribos como as dos patinadores, bicicross, grafiteiros e etc., ocorrendo o conflito quando os mesmos tentam usar as rampas, porque, as rampas da praça são um território e pedaço carregado de uma simbologia dos skatistas onde os tornam donos das mesmas, logo, dentro da praça os skatistas criam estratégias para controlar os conflitos onde são impostas regras de convivência e uso do espaço.

O skate no Brasil já veio carregado de conflitos em seu processo de chegada, desde uma não aceitação coletiva, contudo, o mesmo passou a ser inserido num processo de aceitação, mesmo que gradual e lento, tendo um apoio primordial da mídia para sua disseminação. O mesmo fato macro desse processo é identificado em Imperatriz de forma micro, onde o skate surge carregado dentro de um contexto histórico onde a prática sofre preconceito e resistência por aqueles que não praticam e muito encarado como algo relacionado a vândalos e vagabundos, todavia, a mídia quando foca seus olhos na prática do skate em Imperatriz, passa assim, a causar um olhar diferenciado nas pessoas da cidade, no Estado e no poder público, onde os mesmos já buscam dar uma assistência para os skatistas, mesmo que esse novo olhar seja carregado de um processo de interesse mercadológico ou mesmo passar uma boa imagem nacional para mídia e o país, ou seja, "Imperatriz têm bons espaços para práticas de Skate", "A cidade apoia a prática de Skate", "O poder público e o Estado se preocupam com lazer e os esportes radicais" e etc.

Os conflitos não deixam de existir por esses fatores, os conflitos internos são existentes, todavia, há também uma sociabilidade. Os conflitos são controlados por regras impostas pelos skatistas onde estes determinam em que momento e quais pedaços da rampa os patinadores e bicicross podem usar, quais momentos um jovem iniciante pode estar nas pistas maiores ou menores. A sociabilidade ocorre pelo fator de tais práticas serem também um momento de lazer e os mesmos usarem o mesmo espaço para praticarem esportes, desde momentos relacionados a lazeres, eventos coletivos e festas realizadas por estes.

Quando penso nos skatistas da Praça Mané Garrincha os percebo enquanto donos do pedaço, no qual, aquele espaço foi conquistado e construído por eles, e onde tal espaço carrega símbolos materiais que fazem parte do meio social e estilo de vida dos skatistas, sendo assim, a partir disso relembro todo o processo de luta e resistência que foi praticado naquele pedaço pelos skatistas em 1997 para poderem ter o seu local de prática e com obstáculos, para assim construírem o seu espaço e território. Sendo assim, o mérito se baseia por eles terem feito daquele pedaço o seu território, onde isso, já justifica os seus processos de dominação sobre o seu espaço e sobre quem dele queira se utilizar. Até pelo fato do seu pertencimento a esse espaço, pedaço e território, se dar pela conquista, construção e manutenção desse pedaço a partir dos mesmos.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Leonardo. Da Cidade Transfigurada à Cidade Transformada: Culturas Juvenis e a Prática Do Skate (1970/1980). **Revista História e Cultura**, v.1, n.2, p.7-20, nov. 2012.

BRANDÃO, Leonardo. **Corpos Deslizantes, Corpos Desviantes: A Prática do Skate e Suas Representações no Espaço Urbano (1972 – 1989)**. 2006. 69f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2006.

BASTOS. Billy Graeff. **O Estilo de Vida e Trajetórias Sociais de Skatistas: Da “Vizinhança” ao “Corre”**. 2016. 174f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: Do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade**. 10. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FIGUEIRA, Maria Luiza Machado. **Skate Para Meninas: Modos de se fazer ver um esporte em construção**. 247f. 2008. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

HEERDT, Mauri Luiz. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. **UNISUL1**. 2016.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De “carrinho” pela cidade: A prática do street skate em São Paulo**. 268f. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

José Guilherme Magnani & Lillian de Lucca Torres (org.). Na metrópole: textos de antropologia urbana. **Revista de Antropologia**. São Paulo, vol.40, n. 2, 1997.

OLIC, Mauricio Bacic. **Entre o liso e o estriado: skatistas na metrópole**. 175f. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Católica de São Paulo São Paulo, São Paulo. 2010.

OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos**. 6. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Do extraordinário ao cotidiano: Itinerários de uma experiência fotoetnográfica em Imperatriz. **Revista Visagem**. Belém, v.03, n. 01, p. 108-127, 2017.

PEREIRA. Julio Gabriel de Sá. **Um olhar sócio-etnográfico sobre a prática dos skatistas na Trinda (Florianópolis – SC)**. 108f. 2015. TCC (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2015.

RAMPAZZO, Marcelo. Skate, uma Prática no Lazer da Juventude: Um Estudo Etnográfico. **Revista Licere**. Belo Horizonte, v.15, n.4, dez, 2012.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho dos e ECKERT, Cornelia. ETNOGRAFIA: Saberes e Prática. **Revista Iluminuras**. Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008.

SILVA, Júlio César Felix. **Relações de Sociabilidade Entre Praticantes de Skate: Uma Análise a Partir do Contexto da Prática na Praça Roosevelt de São Paulo-Sp**. 64f. 2017. TCC (Graduação em Produção e Política Cultural) - Universidade Federal do Pampa, Jaguarão. 2017.

Universidade Federal do Maranhão. **Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/ Sociologia Campus Imperatriz: Projeto Político-Pedagógico**. 143f. Imperatriz, 2013.

Jornais

Praça Mané Garrincha Será Entregue à População. **Jornal Capital**. Imperatriz, p. 8. 12 de out. 1997.

Site

IBGE. População. 2018. Disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz>> Acesso em: 18 out. 10:30:20.

O Progresso Net. Sedel promove torneio de skate na reinauguração da pista da Praça Mané Garrincha. Disponível em: < <http://oprogressonet.com/esporte/sedel-promove-torneio-de-skate-na-reinauguracao-da-pista-da-praca-mane-garrincha/12974.html> > Acesso em 19 de out. 12:11:25.

Maranhão Esportes. Governo do Estado amplia skate parking da Praça Mané Garrincha em Imperatriz. Disponível em:
<<http://www.maranhaoesportes.com/2016/03/governo-do-estado-amplia-skate-parking-da-praca-mane-garrincha-em-imperatriz/>> Acesso em 25 de out. 12:11:25.